



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS SOBRAL
CURSO DE PSICOLOGIA

JANICLEIDE RIPARDO DE LIMA

A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES FEMINISTAS ATRAVÉS DA INTERNET

SOBRAL

2017

JANICLEIDE RIPARDO DE LIMA

A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES FEMINISTAS ATRAVÉS DA INTERNET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Psicologia do *Campus* Sobral da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^ª. Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha

SOBRAL

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L698c Lima, Janicleide Ripardo de.
A construção de subjetividades feministas através da internet / Janicleide Ripardo de Lima. – 2017.
67 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Psicologia, Sobral, 2017.

Orientação: Profa. Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha.

1. Feminismo. 2. Internet. 3. Devir-mulher. I. Título.

CDD 150

JANICLEIDE RIPARDO DE LIMA

A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES FEMINISTAS ATRAVÉS DA INTERNET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Psicologia do *Campus* Sobral da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Ma. Lorena Brito da Silva
Faculdade Luciano Feijão (FLF)

AGRADECIMENTOS

Essa monografia foi resultado de um extenso percurso acadêmico, cheio de incertezas e dificuldades, como toda experiência intensa e plenamente vivida em todas as suas fases e aqui quero deixar meu agradecimento a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que esse trabalho fosse iniciado e finalizado.

A minha orientadora Nara Maria Forte, por ter acreditado no meu tema, ter dado sugestões que o enriqueceram, e me mostrar novos caminhos pelos quais eu poderia trabalharlo.

As minhas amigas Joelma, Déborah e Cristiane, por me apoiarem e estarem do meu lado durante esse anos na faculdade, quero muito continuar com vocês por perto depois da graduação.

Aos meus outros colegas de graduação que não tive tanto contato, mas também aprendi com cada um, de uma forma ou de outra.

A todos os meus professores que direta ou indiretamente contribuíram nesse meu percurso acadêmico, não teve um com o qual eu não tenha aprendido alguma lição.

A minha mãe que me mostrou a importância de estudar através da sua vivência de alguém que não teve oportunidades para isso. Também aos meus irmãos com os quais partilhei e partilho muitos momentos da minha vida, embora estejam cada vez mais raros.

Em especial quero agradecer ao meu companheiro Stenio que esteve comigo durante todo esse período da graduação e viu todas as minhas dificuldades para chegar até aqui, esse momento não seria possível sem o seu apoio e paciência comigo, por isso esse momento também é seu.

RESUMO

O feminismo na internet vem ganhando cada vez mais força em suas múltiplas formas, despertando interesse de cada vez mais mulheres através dessa aproximação virtual que facilita esse encontro. Nesse trabalho o objetivo geral foi compreender a construção dessas subjetividades feministas por meio da internet, tendo como objetivos específicos identificar as prescrições e desconstruções relacionadas ao ser feminista encontradas nas páginas pesquisadas e uma tentativa de pensar o ser feminista a partir de suas conexões com o devir-mulher. Para isso foi usada a netnografia como método de pesquisa visando uma análise no campo virtual de duas páginas feministas, “Não Me Kahlo” e “Feminismo Sem Demagogia-Original”, de grande alcance e popularidade no *Facebook*, e depois, as postagens selecionadas segundo os critérios da pesquisa foram analisadas pelo método construtivo-interpretativo de Gonzales Rey, após as categorizações, esses resultados foram pensados por uma perspectiva do devir-mulher, conceito criado por Deleuze e Guatarri. Concluiu-se que há certas prescrições e descrições que caracterizam tanto as páginas feministas pesquisadas, quanto o tipo de subjetividade feminista que se pretende forjar a partir das postagens, sendo o devir-mulher uma forma de fuga que só pode ser aproveitada se forem abandonados os modelos já construídos e constituídos de ser mulher na sociedade, onde as identidades não estão cristalizadas, mas sim, estão em permanente devir.

Palavras-chave: Feminismo. Internet. Devir-mulher.

ABSTRACT

Feminism on the internet has been gaining strength in its many forms, arousing interest from more and more women through this virtual approach that facilitates this meeting. In this work the general objective was to understand the construction of these feminist subjectivities through the internet, with specific objectives to identify the prescriptions and deconstructions related to the feminist being found in the pages researched and an attempt to think the feminist being from its connections with the becoming -woman. For this, netnography was used as a research method for an analysis in the virtual field of two feminist pages, "No Me Kahlo" and "Feminism Without Demagogy - Original", of great reach and popularity in Facebook, and then the selected postings according to the criteria of the research were analyzed according by constructive-interpretive method of Gonzales Rey, after the categorizations, these results were thought by a perspective of the becoming-woman, a concept created by Deleuze and Guatarri. It was concluded that there are certain prescriptions and descriptions that characterize both the feminist pages researched and the kind of feminist subjectivity that one intends to forge from the posts, the becoming-woman being a form of escape that can only be used if the models already built and constituted of being a woman in society, where identities are not crystallized, but are in permanent becoming.

Palavras chave: Feminism. Internet. Becoming-woman.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Postagem da página Feminismo Sem Demagogia - Original.....	33
Figura 2 – Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original	34
Figura 3 - Postagem da Página Não Me Kahlo	36
Figura 4 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original	37
Figura 5 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia- Original.....	39
Figura 6 - Postagem da Página Não Me Kahlo	39
Figura 7 – Postagem da Página Não Me Kahlo.....	41
Figura 8 - Postagem da Página Não Me Kahlo	42
Figura 9 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original.....	43
Figura 10 - Postagem da Página Não Me Kahlo	44
Figura 11 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original.....	45
Figura 12 - Feminismo Sem Demagogia - Original	46
Figura 13 - Postagem da Página Não Me Kahlo	47
Figura 14 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia.....	48
Figura 15 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original.....	50
Figura 16 - Postagem da Página Não Me Kahlo	51
Figura 17 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original.....	53
Figura 18 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia – Original	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.2 Objetivo Geral	13
<i>1.1.1 Objetivos Específicos</i>	13
2 HIPÓTESES	13
3 MARCO TEÓRICO	14
3.1 O feminismo: seu início e suas ondas	14
3.2 Feminismo virtual	18
3.3 A produção da subjetividade em Deleuze e Guatarri	21
3.4 O devir-mulher na construção da subjetividade feminina	23
4 METODOLOGIA	25
4.1 Construção do <i>corpus</i>	27
4.2 Procedimentos éticos	28
4.3 Procedimentos de Análise	29
5 ANÁLISES	31
5.1 Construindo feministas na internet	31
5.2 O que pautam as páginas	32
a)Violência e suas expressões: denúncias e sensibilizações.....	33
b)Pautas interseccionais e a importância delas no feminismo.....	35
c)Para além do virtual: as atuações em outras instâncias	38
5.3 Ser feminista é	40
a)Exercer a empatia.....	40
b)Lutar.....	44
c)Desconstruir.....	50
6 DEVIR MULHER NA REDE	55
7 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Ser mulher na sociedade nunca foi uma vivência fácil, esse fato, podemos constatar facilmente em qualquer livro de história ou a partir de relatos de mulheres que viveram em outras épocas, a condição feminina sempre foi considerada inferior. Nascer mulher já trazia consigo uma série de implicações e predeterminações que dificultavam qualquer construção própria de significados, já havia um papel feminino, só faltavam as personagens para representa-lo. Ser boa esposa, boa mãe, bondosa, caridosa e dedicar a vida para tornar mais fácil a vida do marido e filhos era o que se esperava de uma mulher de verdade.

Durante muito tempo esse papel de esposa e mãe perfeita foi representado, não sem lutas e sem exceções, mas o que eram algumas vozes, quando se tinha todo um sistema social construído por homens e para homens? Muitas mulheres foram queimadas nas fogueiras como bruxas, mutiladas para não sentirem prazer, demonizadas por religiões e crenças e silenciadas por aqueles que diziam que mulheres agem e pensam com a emoção, e os homens com a razão, portanto, esses mereciam ser ouvidos e considerados.

Entretanto, as mulheres, principalmente burguesas, foram percebendo, com a Revolução Francesa, as Guerras e a Revolução Industrial, que poderiam ser mais do que o patriarcado lhes disse que poderiam, que havia vida fora de suas casas, que poderiam falar, escrever, reivindicar direitos que os homens já possuíam, ou seja, subverter esse papel imposto ao nascerem, dar seu próprio sentido a ser mulher, e, nessa descoberta o movimento feminista foi a forma que essas mulheres encontraram para se reunirem e se organizarem.

O movimento feminista, tal como o conhecemos hoje, é totalmente diferente daquele que iniciou toda essa mobilização em torno dos direitos fundamentais das mulheres. A forma de se reunir, de debater as ideias, e o tipo de reivindicação, são aspectos que se modificaram com o passar do tempo e por isso estão separadas pelas chamadas ondas do feminismo. Essa separação aconteceu para marcar quais as prioridades da agenda feminista em dado contexto histórico, mas elas ainda coexistem, já que um onda não anulou as outras.

Hoje há também reivindicações diferentes dentro do movimento feminista, que dependem muito do tipo de feminismo pelo qual se luta e do lugar de fala de cada uma das mulheres presentes no movimento, essas separações são feitas através das vertentes, eixos de diferentes estudos, como também de luta, mas obter direitos iguais aos homens na sociedade ainda é uma prioridade para o movimento e sua principal bandeira de luta.

Esse tema torna-se relevante para a psicologia a partir do momento em que o feminismo é um movimento social e político, e como tal, esta presente nos estudos da psicologia social e das outras áreas do campo psicológico, já que a luta pelos direitos humanos pode ser considerada uma missão para o profissional psicólogo. Além disso, o feminismo e suas críticas à psicologia fizeram com que fossem revistos muitas verdades antes consideradas absolutas dentro dessa área como ciência, com relação à problemática de gênero.

A perspectiva feminista na psicologia originou o levantamento de novas questões, a introdução de novos conceitos, modelos e problemas, uma ênfase no significado do gênero em termos do seu valor como estímulo, como prescrição de papel e relação de poder. (NOGUEIRA, 2001, p.18)

Das discussões e debates travados entre a psicologia e o feminismo surgiram as noções de androginia e de papel social (EAGLY, 1987) que vieram se opor as diferenças sexuais, que creditavam ao sexo as diferenças existentes entre homens e mulheres.

Outro aspecto interessante responsável por instigar essa pesquisa foi à percepção, a partir do levantamento de literatura, de que a vivência do feminismo na internet, despertou mais o interesse de outras áreas e pouco do campo da psicologia, essa construção da identidade feminista tendo a internet como mediadora, até agora, foi um assunto pouco explorado pela psicologia, então, parece interessante pesquisar sobre algo não tão explorado, e que, futuramente, possa despertar a curiosidade e interesse de mais profissionais dessa área.

Dessa forma se torna de grande relevância entender como hoje o feminismo atua e de que forma ele se faz presente na internet, e é com essa intenção que essa pesquisa foi pensada e construída, assim, a seguir, veremos o percurso que o feminismo teve que trilhar para chegar aonde esta hoje.

A luta pelos direitos das mulheres se construiu a partir da percepção do quanto elas estavam submetidas e desprovidas de direitos na sociedade, direitos esses que só pareciam estar disponíveis para os homens.

Submissas aos homens, aos quais cabia o provimento das necessidades materiais do lar, as mulheres tinham seu espaço restrito à esfera privada entendida como reino das necessidades e como espaço pré- político, no qual os homens se preparavam e supriam suas necessidades para poderem participar como cidadãos livres da esfera pública. (PEDRO; GUEDES, 2010, p.2)

Às mulheres cabia o papel de acolher esse homem, e tornar esse lar aconchegante, sem perturbações, já que o homem detinha o poder político e social do qual a mulher não tinha acesso. Suas obrigações estavam restritas ao espaço doméstico que as sobrecarregavam e ainda sobrecarregam a tal ponto, que não havia força ou ânimo para lutar por igualdade.

Essa realidade de submissão remonta de muito tempo, e até mesmo Aristóteles, na Grécia Antiga se utiliza de argumentações supostamente biológicas para reafirmar a superioridade masculina em detrimento da feminina, quando diz que “Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção” (ARISTÓTELES, 1991, p. 13).

A Revolução Francesa é um marco quando se pensa no movimento feminista, pois foi a partir dele e dá insatisfação das mulheres que lutaram junto aos homens pela liberdade e depois tiveram seus desejos de igualdade na sociedade negados é que surgiu a necessidade de uma organização feminina que pudesse ajudar as mulheres a estarem em igualdade com os homens na sociedade.

Um nome popular e sempre lembrado quando se fala de feminismo é Simone Beauvoir, tão icônica quanto sua famosa frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.9), seus estudos foram muito importantes para a construção do conceito de gênero, assim como sua obra, “O segundo sexo” (1949), pois a partir dela e outras teóricas, surgiu a noção de que ser mulher é uma construção social, e que não havia nenhuma função *a priori* determinada pelo sexo. As coisas ditas e conhecidas como coisas de mulher são na verdade formas de se engessar os papéis de gênero na sociedade, favorecendo o sexo masculino que toma para si todo o poder, através do patriarcado e suas formas de dominação.

Nem só das contribuições de Simone Beauvoir viveu o feminismo, e é isso que vem provar a terceira onda do feminismo, onde se procurou “contestar as definições essencialistas da feminilidade que se apoiavam especialmente nas experiências vividas por mulheres brancas integrantes de uma classe média-alta da sociedade” (GASPARETTO JUNIOR, 2016, p.1).

Nessa fase, o feminismo procura corrigir e incluir pautas não contempladas na onda anterior, além de se abrir para novas visões e definições do que seria mulher, já que nas ondas anteriores, apenas as mulheres privilegiadas na sociedade tinham voz e essa voz falava por todas, seja quais fossem as necessidades reais destas.

Hoje as lutas feministas não se restringem mais as teorias ou movimentos de ruas, continua sendo tudo isso, mas agora o feminismo está presente e ativo em muitos lugares, online e off-line. Existe um ativismo que não está nas ruas, mas, também pode ir para ela, um ativismo que se faz no dia-a-dia, através de redes sociais, de blogs, de sites e quantos mais dispositivos possíveis presentes na internet e no mundo virtual tiverem, ser feminista também se demonstra em rede e se compreende através dela também.

A construção da identidade feminista hoje em dia não está ligada diretamente a estar nas ruas e em reuniões para se organizar e lutar por seus direitos, ela também perpassa o campo do virtual, a força e o apoio de um grupo estão presentes também no online, na escrita, no acolhimento as mulheres, mesmo que de forma distante, ou desterritorializada.

Mais do que nunca há um ativismo presente na internet, de todas as formas e para todos os gostos, não apenas para o feminismo. Percebe-se o quanto essa se tornou a primeira fonte de informação para muitas pessoas, os hábitos mudaram. Antigamente, o primeiro meio pelo qual havia informação era o jornal impresso, onde se podiam ler as principais notícias do dia, hoje, temos acesso as principais notícias do dia vindas de diversas fontes diferentes e de acordo com o que nos interessa, podemos eleger quais são as principais notícias para nós, a informação não está limitada a um papel impresso sem qualquer possibilidade de interação.

Ao mesmo tempo em que ganhamos uma maior autonomia na busca de informação e conhecimento nessa era digital, também estamos nos distanciando do mundo real, a comodidade da internet condensa nossas atividades em um único lugar, o conforto da nossa casa, porém, isso não impede que os lugares virtuais aos quais transitamos estejam permeados da nossa identidade e gostos que demonstramos em lugares físicos.

Nesse interim, essas relações e interações mediadas pelo ciberespaço estão imersas em um novo tipo de identidade, essa identidade se cria a partir das nossas afinidades presentes nesse mundo de possibilidades virtuais.

Segundo Turkle (1999), o relativo anonimato escondido atrás da tela do computador dá as pessoas, a oportunidade de expressar aspectos inexplorados de si mesmo, além de que múltiplos aspectos podem ser explorados em paralelo. Ou seja, há um mundo de possibilidade quando se trata de transitar pelo território da internet, a nossa identidade pode sair de seu território, trazendo novos aspectos não conhecidos ou vividos.

Um lugar em que posso viver uma vida paralela e totalmente diferente daquela em que apresento na vida real, mas também posso procurar nesse mundo virtual valores e lugares em que posso reafirmar minha identidade no mundo real, assim como posso conhecer um novo tipo de identidade ao qual não conhecia e que me identifico, dessa forma posso construir essa nova identidade buscando nesse espaço virtual o que pode servir de alimento para a construção dessa identidade, ou apenas transitar sem o compromisso de uma construção ou desconstrução identitária.

A partir dessa identificação é que as redes sociais e a internet como um todo podem trazer esse conjunto de atributos, podendo constituir essas novas subjetividades, que tendem a se manifestar no real e integrar-se ao sujeito como mais um dos seus aspectos de

personalidade. Esse trabalho tem a intenção de investigar a partir de duas páginas com temáticas feministas na internet como se constrói essa identidade e a partir de que premissas, e que tipo de feminista esta sendo construída, qual a forma de empoderamento e que tipo de desconstrução se pede dessa mulher para que ela possa ser vista e aceita como feminista.

Pegando esses entrelaçamentos de feminismos, redes sociais e construções de subjetividades muitas questões podem ser levantadas e algumas hipóteses podem ser construídas. De que tipo de feminismo estamos falando a partir da internet? Qual o efeito da internet na construção dessas subjetividades feministas? Quais os aprendizados e temáticas percebidos como necessários por aquelas que difundem o feminismo na internet para se fazer uma feminista?

1.2 Objetivo Geral

Compreender como se constrói a produção de subjetividade em torno do feminismo na internet.

1.1.1 Objetivos Específicos

Analisar as temáticas que se encontram em páginas feministas de grande acesso na internet, identificando prescrições e desconstruções relacionadas às mulheres e suas imbricações com o ser feminista.

Pensar o ser feminista na internet e suas conexões com um devir mulher.

2 HIPÓTESES

A hipótese inicial esta alicerçada na possibilidade de encontrar nessa pesquisa o delineamento das subjetividades feministas nessas páginas do *Facebook*, voltadas para esse movimento social, que seguem dessa forma habilitando cada vez mais mulheres a aderir à causa feminista, ao mesmo tempo em que, podem forjar um novo modo de ser e se perceber mulher na sociedade.

Ainda, de acordo com as pesquisas já lidas sobre esse tema, poderá ter muitas postagens enfatizando o caráter relativo de ser mulher, ou seja, que não há um modo único de ser e que cada um implica em posicionamentos diversos frente à opressão que o machismo exerce. Se essas hipóteses forem confirmadas, essas postagens poderão ser pensadas como

uma via de desconstrução sobre os estereótipos construídos em torno da figura da mulher e que, ao mesmo tempo, incentivam a um empoderamento, para que mais mulheres possam reconhecer que tem uma voz ativa na sociedade e o direito de usá-la como desejar.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 O feminismo: seu início e suas ondas

O movimento feminista é fruto de séculos de opressão as mulheres, seu início data de XIX na Europa com o advento das revoluções burguesas, seus objetivos principais eram a igualdade de direitos e de participação na vida pública, já que, devido às revoluções em que as mulheres lutaram junto dos homens, nada parecia mais justo do que elas usufruíssem os mesmos direitos que eles na sociedade, mas não foi o que aconteceu, depois de vencerem a opressão feudalista, foi lhes dado apenas os mesmos lugares que já tinham antes na sociedade, ou seja, a casa e os filhos, únicos territórios em que podiam transitar.

A Revolução Francesa foi um marco histórico do início das lutas feministas, pois essas saíram às ruas e foram para a batalha junto com os homens para fazer a história, mas depois foram esquecidas e desconsideradas novamente na sociedade.

Aí surgem os primeiros movimentos organizados de mulheres que se tem registro na história moderna. Elas exigiam que os direitos conquistados pela Revolução Francesa não ficassem restritos aos homens. Entretanto, a conquista do direito ao voto se deu muito posteriormente na maioria dos países. Na Inglaterra e na França, o Movimento Sufragista envolveu três gerações de lutas até que o direito ao voto feminino fosse realidade, o que só ocorreu nas primeiras décadas do século XX. (BETONI, 2016, p.1)

Nesse contexto temos uma organização inicial de mulheres em torno de um objetivo, e posteriormente elas buscam o direito de ter participação política, através do voto, que só muito tardiamente, depois do início das manifestações, foi conseguido.

Tendo o Movimento Sufragista como ícone, aconteceu a primeira onda do feminismo, que estava focada em obter maior participação política, tendo como objetivo o direito ao voto.

Mobilizou, nos momentos de ápice das campanhas, até 2 milhões de mulheres, o que torna esta luta um dos movimentos políticos de massa de maior significação do século XX. Apesar disto, merece dos livros de História, quando não o silêncio, apenas uns poucos parágrafos ou uma nota de pé de página. (ALVES e PITANGUY, 2005, p.44)

E não apenas o Movimento Sufragista sofre com essa invisibilidade nos livros de história, muitas conquistas de mulheres na história são apagadas e minimizadas, fazendo com que tenham pouco ou quase nenhum conhecimento sobre as diversas mulheres que fizeram a diferença na construção da sociedade. Um exemplo marcante disso no Brasil é o pouco ou quase nenhum conhecimento que temos a respeito de Dandara, figura feminina importante na luta contra a escravidão, quando muito, é mencionada apenas como mulher de Zumbi dos Palmares, uma forma muito conhecida de apagar os feitos de mulheres, coloca-la como mulher de alguém, como se não tivesse valor próprio.

Um pouco depois, com advento da Revolução Industrial (1780-1830), as mulheres passaram a trabalhar, mas seu trabalho era precarizado e mal pago, se tornando outra fonte de reivindicações, haviam muitas horas de trabalho e más condições no ambiente para ambos os sexos, mas as mulheres ganhavam menos fazendo as mesmas funções que os homens.

As operárias eram consideradas como “dóceis” pelos patrões, fáceis de manipular, acostumadas a obedecer. Essa visão era reforçada pela fraca organização sindical feminina. As tentativas de greve organizadas pelas operárias tinham pouca adesão feminina e quase nenhuma masculina, sendo rapidamente dispersadas. (RODRIGUES; MILANI; CASTRO; CELESTE FILHO, 2015,p.4)

Uma visão estereotipada das mulheres, necessidade de subsistência, aliada a uma fraca mobilização em torno dos próprios direitos tornaram as trabalhadoras alvo fácil de um trabalho com baixa remuneração que as desvalorizava, e assim deram início as jornadas duplas e triplas de trabalho, ainda vigentes na atualidade para o sexo feminino.

A segunda onda do feminismo ocorreu em meados da década de 60 e 70, um período de intensa efervescência política e social no mundo todo, que fez reacender as percepções de um modo geral sobre as relações em sociedade, as dominações e a convivência com a alteridade.

Não foi a toa que o movimento feminista ressurgiu, dessa vez, muito mais do que direito ao voto, que já possuía em muitos países, o movimento queria mostrar que os papéis de mulher e homem na sociedade eram fruto de socialização, não uma causalidade biológica, sendo assim, não eram naturais esses papéis, e, não fazia sentido a opressão e a inferiorização que a mulher vivia na sociedade, já que se ela não tinha o mesmo aprendizado e socialização de um homem, e a estes estavam reservados todos os papéis sociais de destaque na vida pública só por seu sexo, algo não fazia sentido nessa distribuição de papéis.

Os homens detinham todo o poder sobre a industrialização, ciência e outras áreas mais tecnológicas, porque foram criados mais voltados para essas áreas, enquanto que para a

mulher, era relegada uma criação que ensinava a cuidar da casa e dos filhos. E as poucas profissões em que estas estavam sempre tinham ligação com a educação e o cuidado, nada tinha de biológico nessa escolha, que não pode ser chamada assim, pois era uma socialização alicerçada em valores patriarcalistas, o homem como detentor do poder e força e a mulher como a acolhedora que cuida da família e da sociedade.

Simone de Beauvoir, em sua obra “O segundo sexo” (1949) mostra o quanto essa concepção biológica da fraqueza feminina e força do homem esta alicerçada em um modelo de sociedade que quer manter seus status. E é nesse ponto que a análise de Simone de Beauvoir funda um marco, pois através de suas reflexões traça os alicerces dos estudos feministas que ressurgirão a partir da década de 60.

Simone de Beauvoir estuda a fundo o desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos que ela sofre durante o período de sua socialização, condicionamentos que, ao invés de integrá-la a seu sexo, tornam-na alienada, posto que é treinada para ser mero apêndice do homem. Para a autora, em nossa cultura é o homem que se afirma através de sua identificação com seu sexo, e esta autoafirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre sua oposição com o sexo feminino, transformado em objeto, e visto através do sujeito. (ALVES e PITANGUY, 2005, p.44)

Pode-se afirmar que, em razão desses estudos surgiram questionamentos que iriam culminar em discussões e teorizações sobre gênero “como uma forma de ordenar o mundo, que atravessa todas as relações sociais, compõe ideias e estruturas e, a partir dos significados atribuídos, exerce um constante jogo de forças (uma disputa de poder) na manutenção ou subversão dos discursos e da organização social.” (BERNARDES, 2014, p.4). E nessa disputa de forças, o gênero feminino ganhou mais visibilidade e pôde lidar com questões que a muito se questionava, mas não havia sido tema de estudos tão aprofundados anteriormente.

A segunda onda do feminismo trouxe consigo uma forte dose de teorização e diversidade de lutas, já que na onda anterior, as lutas estavam mais nos espaços públicos, ainda que também houvessem escritoras feministas, mas eram poucas ou pelo menos não tão conhecidas. Com a segunda onda, surgiram autoras conhecidas até os dias atuais, Simone Beauvoir esta entre elas, responsáveis por desmistificar essa cristalização sobre o que é ser mulher, esse papel atribuído ao gênero feminino antes mesmo do nascimento e da possibilidade de uma escolha.

Já a terceira onda do feminismo, que acontece na década de 90, traz em sua agenda todas as lacunas deixadas na onda anterior, nesse momento, incluir as pautas não

contempladas e olhar com mais cuidado para certas questões relativas ao tipo de feminismo que esta sendo construído se torna crucial para o movimento.

São as teorias ditas “pós-feministas”, que denunciam os discursos anteriores do feminismo, que estariam infectados pelo ponto de vista ocidental, branco e heterossexual. Foi proposta, então, uma nova proposta de discussão do feminismo, integrada com discussões de “raça”, etnia, sexualidade e classe. Dever-se-ia ter em vista a partir de então os diferentes tipos de mulheres. Esse debate foi proposto, sobretudo, por feministas lésbicas e negras, que não se sentiam contempladas completamente pelas antigas formas de feminismo. (LUCENA,2012, p.7)

Durante as ondas anteriores o feminismo era apenas feito e falado para mulheres brancas de classe média, que tinham acesso a educação, ou seja, eram privilegiadas de alguma forma na sociedade, apesar da sua condição de mulher. Na terceira onda, o feminismo se abre para contemplar as pautas das mulheres negras, periféricas, estrangeiras e nesse momento percebe-se que o feminismo estava muito distante da realidade da maioria das mulheres.

Nessa aproximação do feminismo com a diversidade houve muitos conflitos, pois quem tinha voz ativa no movimento, teria que ouvir, e quem estava acostumada a ter a voz calada e silenciada por um feminismo generalizador poderia falar sobre si e sua luta, sobre a realidade que encontrava na construção e afirmação de sua identidade feminista. Assim, surgiram o feminismo negro, feminismo latino, feminismo marxista e muitas outras vertentes que diziam respeito a um tipo de público de mulher e sua vivência na sociedade.

Foi a partir também da terceira onda que outras teóricas do feminismo ganharam mais visibilidade, já que antes apenas as teóricas do *mainstream* eram lidas e consideradas dentro do movimento. Dessa forma o feminismo passava incorporar outras realidades e ao mesmo tempo se fragmentava, já que muitas feministas afirmavam não ser possível um feminismo único que conseguisse abranger todas as pautas, já que as realidades eram diferentes, o movimento também teria que ser, assim, as vertentes foram separando o movimento em interesses e afinidades, dando uma característica diferente a cada feminismo.

No Brasil, o feminismo tem como importante símbolo a figura de Bertha Lutz, uma ativista dos direitos das mulheres no país, que trouxe consigo resquícios do movimento sufragista na Inglaterra. Formada em biologia, Bertha, ao lado de outras pioneiras “empenhou-se na luta pelo voto feminino e criou, em 1919, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que foi o embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF).” (BRASIL, 2015) Apesar de todo o seu empenho, apenas em 1932 as mulheres brasileiras conquistaram o direito de votar por decreto de Getúlio Vargas.

E esse caráter de conquista tardia pode-se observar tanto no Movimento Sufragista, quanto no movimento feminista brasileiro, depois de muita luta e formas diferentes de chamar a atenção da sociedade é que houve a conquista do direito ao voto.

Bertha Lutz ainda organizou o primeiro congresso feminista no Brasil, além de ter sido deputada na câmara federal, trazendo como propostas pautas que contemplavam as mulheres e seus direitos, além do trabalho infantil. Faleceu em 1976, mas deixou um grande legado de luta pelos direitos das mulheres e organização em torno de seus objetivos, a partir daí, plantou-se a semente do feminismo na sociedade brasileira.

De acordo com Pedro e Guedes (2010) a década de 60 também trouxe seus traços de revolução para o Brasil e com ele organizações de movimentos feministas, mas que ainda mantinham traços conservadores podendo ser observados na maior parte dos primeiros estatutos que defendiam apenas o espaço no mercado de trabalho e a igualdade entre os sexos, repudiando a discussão a respeito da liberdade sexual, num contexto histórico em que se primava pela ordem pública.

Com o golpe militar de 64, os movimentos feministas no Brasil foram suprimidos, mas isso não impediu que mulheres fossem para a luta, pegassem em armas e participassem das lutas pela libertação do regime militar, parece que nesses momentos de luta em sociedade as mulheres são sempre bem vindas, o problema parece ser usufruir das conquistas depois.

Não obstante, a realidade do feminismo hoje é outra comparada ao período do golpe militar, aderindo a uma tendência global, “Falar de feminismo no Brasil, atualmente, é tratar de uma pluralidade de entendimentos e práticas políticas que tornam impossível pô-lo no singular.” (COSTA, 1998, p.219) E o advento da internet tornou possível que essa pluralidade representada pelo feminismo atual possa se disseminar de forma mais rápida.

3.2 Feminismo virtual

Atualmente vivemos uma época de forte efervescência do movimento feminista que é chamado por algumas de a quarta onda do feminismo ou novo feminismo, pois é um feminismo que se organiza em torno da internet, especificamente nas redes sociais e outras formas de interação no mundo virtual, essa organização esta acontecendo muito no Brasil, mas também é uma tendência mundial.

O advento da internet trouxe um novo gás para o movimento feminista, reuniões que antes eram feitas de forma clandestina, ou com pouca participação devido à divulgação precária e poucos meios para divulgar, hoje encontra uma forma totalmente dinâmica e eficaz. A necessidade de organização de grupos encontrou na internet um lugar de acolhida, um lugar

sem território definido, mas que pode abrigar em si muitas demandas e pode trazer para si uma participação maciça, tudo depende da identificação de quem esta do outro lado da tela.

Com o feminismo não foi diferente, as demandas do movimento que foram colocadas em pautas décadas atrás, continuam atuais e muito presentes no cotidiano de mulheres no Brasil e no mundo inteiro. “Nesse sentido, mais do que um movimento social, o feminismo deve ser ponderado enquanto um sistema de ideias e ideais de transformação baseados na oposição da assimetria e opressão de gênero mediante ações mobilizadoras.” (TOMAZETTI, 2015, p.490) Transformações que vão acontecendo aos poucos e com muitas dificuldades e que, por vezes, são sufocadas em nome de uma ordem social que não deseja uma equidade de direitos para ambos os gêneros.

E se, até hoje, o movimento vem resistindo ao tempo e as oposições, é porque a opressão de gênero ainda continua ativa e prevalecendo, ao mesmo tempo, que, o reconhecimento dessa posição hierarquicamente inferior da mulher na sociedade parece cada vez mais incomodar e mobilizar pessoas para a luta.

Pensando nessas mulheres que viviam e ainda vivem sob a opressão do patriarcado na nossa sociedade, coletivos feministas e ONG's que trabalham pelos direitos das mulheres, expandiram sua atuação para o campo virtual, tanto para apoiar as mulheres que já estão na luta, quanto para trazer para si outras mulheres para o movimento, pois é disso que o feminismo vive.

No Brasil, é recente a onda de páginas feministas que através de suas postagens tentam angariar novas adeptas para o movimento, ou ao menos esclarecer de forma didática do que se trata o feminismo, já que, nem sempre, parece claro para todos a intenção do movimento.

Esse é um aspecto muito importante e relevante da atuação do feminismo na internet, a possibilidade de aprender mais sobre o movimento feminista, já que ele muitas vezes é demonizado, principalmente por alas mais conservadoras da sociedade que veem em suas pautas uma ameaça para os seus valores.

Mas se a sociedade conservadora condena o feminismo e deturpa suas pautas para manter o *status quo*, principalmente com relação as mulheres na sociedade, o que não falta é informações disponíveis para saber mais a respeito do feminismo, e até perceber que dentro do movimento há muitos “feminismos”, e esse recorte é importante para muitas mulheres que não se identificam com determinadas vertentes e tem a opção de buscar a que mais lhe agrada.

Os direitos iguais almejados pelo movimento podem ter muitos recortes e isso é importante ressaltar quando se trata do feminismo, já que a terceira onda trouxe consigo a

possibilidade de fazer um feminismo que possa olhar de forma mais demorada sobre os diversos aspectos e situações de mulheres mundo afora, já que não existe apenas um tipo de mulher, também não existe apenas um tipo de opressão.

Os modos de se organizar e se viver esse feminismo mudaram e as redes sociais, percebeu-se, podem alavancar e muito um movimento, assim como também tem o poder de derrubar e confundir. Com o feminismo essa realidade não é diferente, acontecem atualmente muitas campanhas para conscientizar a sociedade em geral sobre as práticas machistas e sexistas que inferiorizam e discriminam as mulheres, há pessoas que entendem e há outras que tentam deturpar o movimento, acusando as feministas de quererem ter mais direitos que os homens, ou de problematizar tudo. Desse modo o feminismo vai se construindo trazendo consigo tanto adeptos, quanto críticos, também, aqueles que querem acabar o movimento e o veem como ameaça.

É nesse sentido que a internet pode oferecer uma nova oportunidade para o movimento feminista uma possibilidade de se comunicar internamente e discutir questões relevantes para o movimento; de se comunicar diretamente com o público, sem intermédio de jornalistas e de grandes veículos de mídia; de angariar novos simpatizantes à causa e mostrar à sociedade onde a desigualdade de gêneros ainda permanece. Uma nova oportunidade, enfim, de, por meio da comunicação social, promover a transformação das condições da mulher na sociedade. (HAJE, 2002, p.91)

A partir das possibilidades da internet, as mulheres podem dar sua própria versão do feminismo e das opressões que sofrem diariamente, já que a grande mídia apenas reforça os papéis de gênero, seja objetificando o corpo da mulher, relativizando a violência de gênero ou apagando os feitos de figuras femininas, além de promover padrões estéticos corporais impossíveis de ser alcançados por todas as mulheres.

O feminismo atual com ativismo intenso nas redes sociais tem em si características e reivindicações muito parecidas com o feminismo das ondas anteriores, a verdade é que a luta não teve seu fim, já que muitas das opressões que as mulheres passaram décadas ou séculos atrás ainda permanecem nos dias atuais, assim, não podemos dizer que não há sentido para o feminismo, sua existência se faz necessária e crucial para que um dia haja a tão sonhada equidade de direitos com os homens.

O advento da internet e das redes sociais trouxe para o feminismo atual mais uma forma de inserção na vida e subjetividades das mulheres e homens da sociedade, já que os fragmentos e propostas do movimento feminista já se encontravam desde sua fundação nos meios acadêmicos, na literatura e nas ruas protestando. Esse espaço virtual é mais um lugar

onde o feminismo pode debater e mostrar a que veio, mesmo que também encontre resistências.

Os lugares onde estão mais presentes grupos de feministas em construção são em comunidades online, grupos de discussão, blogs e páginas de redes sociais, lugares aos quais os usuários se aproximam por afinidade de valores ou curiosidade acerca do conteúdo apresentado e discutido.

As comunidades eletrônicas não são virtuais. As pessoas que encontramos online não são virtuais. Elas são comunidades reais povoadas por pessoas reais, o que explica por que muitas acabam se encontrando em carne e osso. Os assuntos sobre os quais falamos em comunidades eletrônicas são assuntos importantes, por isso, muitas vezes, apreendemos e continuamos nos importando com as causas sociais e políticas sobre as quais ouvimos falar por meio de nossas comunidades online. (KOZINETTS, 2014, p.21-22)

Apenas estar com pessoas no mundo virtual não é suficiente para que haja identificação e afinidade, as nossas inclinações expressas no mundo real e em sociedade também encontram repercussão na internet, aquilo que nos mobiliza no mundo aparece na forma das interações que buscamos, ou seja, “o ciberespaço é um ambiente possível de ação para os sujeitos tanto quanto os espaços concretos tradicionais.” (MARQUES, 2010, p.17) Nossos interesses estão presentes e transparecem também nos espaços virtuais, tornando estes uma extensão da vida fora da internet.

Em sua dissertação de mestrado, Marques (2010), com auxílio da netnografia e observação participante com grupos frequentadores da Praça Portugal pôde constatar que pessoas que se relacionam no ciberespaço também podem levar essa relação para interações concretas, e vice-versa, como acontece com os grupos que pesquisou, além de manterem na vida real modos de se relacionar semelhantes aos presentes na internet, sendo esta o “anteparo para interações e experiências, as quais também contribuem para a elaboração dos sentidos” (MARQUES, 2010, p.100)

Nesse sentido, podemos pensar a internet e seus espaços virtuais como mais um lugar que ocupamos e a ele damos a significação, que dizem respeito ao nosso modo de ver o mundo, portanto, procuramos no ciberespaço lugares, pessoas e grupos que estejam alinhados com nossas perspectivas e realidades de vida, e isso inclui o feminismo virtual.

3.3 A produção da subjetividade em Deleuze e Guatarri

Deleuze e Guatarri tem uma visão não representacionista a respeito da subjetividade, ou seja, não acreditam que há um modelo ideal ou certo de ser subjetivamente.

“A filosofia contemporânea de Deleuze e Guattari não cessa de denunciar sua crise, o sujeito unificante e estável está em diluição, o eu está em dissolução.” (BRITO, 2012, p.6)

Entendendo a subjetividade como:

[...] uma noção moderna e está ligada à consciência, à atividade da razão, capaz de forjar uma identidade consigo mesmo, de fomentar o conhecimento verdadeiro, um sujeito que sabe de si, centrado em si mesmo, capaz de promover a certeza pela reta razão. (BRITO, 2012, p.4)

A razão ou conhecimento só podem ser verdadeiros para um grupo em determinado tempo histórico, a partir dos seus modos de pensar e ser em sociedade, isso desconsidera totalmente a diferença, já que ela esta marginalizada nessa produção de subjetividade e são levados em conta a maioria dominante, portanto, não há como as subjetividades serem universais e únicas.

Para Guatarri (1992) “a subjetividade é de fato plural, *polifônica* [...] produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais.” Assim sendo, não há como dar a ela um caráter universal e único, pois sendo plural não esta limitada a apenas um modelo, e perpassada por mais de uma instância, apresenta aspectos diversos oriundos dessas instâncias.

De fato, para ampliar essa visão de subjetividade clássica presente no modelo de sujeito individual e sociedade, Guatarri apresenta três problemas que o incitam a fazê-lo, sendo eles

A irrupção de fatores subjetivos no primeiro plano da atualidade histórica, o desenvolvimento maciço de produções maquinicas de subjetividade e, em último lugar, o recente destaque de aspectos etológicos e ecológicos relativos à subjetividade humana. (GUATARRI, 1992, p.11)

Não há, portanto, onde a noção metafísica de identidade e subjetividade se sustentar na modernidade, já que ela “está sendo configurada por vários componentes que não permitem mais um entendimento simplista e estruturalista de suas dimensões e composições.” (BRITO, 2012, p.8)

A partir dessa ótica, presente no pensamento de Deleuze e Guatarri, a subjetividade já não se encontra em apenas um território, de forma estruturada e totalmente unificada. Pensar em uma desterritorialização dessa subjetividade seria uma forma de ver essa subjetivação contemporânea, já que não há rigidez nessa estrutura, se é que há uma estrutura.

Contra esse privilégio de uma lógica da identidade, Deleuze e Guattari trazem à tona as noções de “totalidade”, “unidade”, “fundamento”, pois para eles esses conceitos

são traços predominantes da filosofia metafísica e representacional e, assim, fazem um elogio ao devir, ao transitório, à multiplicidade, ao diverso, à diferença, como elementos capazes de mostrar outro sentido para a compreensão da vida. (BRITO, 2012, p.8)

Transpassados por esse novo olhar sobre a subjetividade, fazemos um recorte a partir de sua noção de devir, que segundo (ZOURABICHVILI, 2004) nos explica:

Devir é o conteúdo próprio do desejo (máquinas desejanter ou agenciamentos): desejar é passar por devires. Deleuze e Guattari enunciam isso no Anti-Edipo, mas só fazem disso um conceito específico a partir do Kafka. Acima de tudo, devir não é uma generalidade, não há devir em geral: não se poderia reduzir esse conceito, instrumento de uma clínica fina da existência concreta e sempre singular, à apreensão extática do mundo em seu universal escoamento - maravilha filosoficamente oca. Em segundo lugar, devir é uma realidade: os devires, longe de se assemelharem ao sonho ou ao imaginário, são a própria consistência do real. (p.24)

O devir é uma forma de desterritorialização promovido por “dois termos heterogêneos.” (ZOURABICHVILI, 2004, p.25) São formas diferentes de ser a partir de um modelo estabelecido na sociedade, que é a do homem-adulto, e, portanto, representam a alteridade presente e sempre em constante mutação.

3.4 O devir-mulher na construção da subjetividade feminina

Ser mulher é fazer parte de uma minoria, uma minoria porque sua voz é considerada secundária como acontece com todas as minorias, suas vozes são silenciadas e abafadas para que só se ouça a voz dominante, representada pelo homem. A mulher é vista como derivada do homem, na crença cristã veio de sua costela, portanto é um pedaço dele, enquanto o homem é completo em significações e representações a mulher é incompleta, uma tentativa de imitar a imagem do homem.

Refletindo sobre essa visão de incompletude da mulher, mas também de todas as outras coisas que não são homem e, portanto, incompletas, Deleuze (1998) fala de um devir-mulher, entendendo como devir uma tendência a um tecer e desmanchar permanente de si.

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão "o que você está se tornando?" é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. (DELEUZE;PARNET, 1998, p.2)

O devir-mulher é essa construção constante sem saber ao certo qual a forma que isso tomará, sem esperar que haja uma forma definida. “O devir-mulher passa pelos devires de resistências e revolucionários, forças possíveis para pensar outros modos de existências.” (BRITO, 2014, p.7) Sendo assim o devir-mulher, ao mesmo tempo, que, traz a incompletude, também traz consigo a potência, o novo, sem forma, que poder vir a ser, e seu caráter revolucionário e de resistência diz muito sobre a luta do feminismo ontem e hoje, porque os frutos dessa luta ainda são indefinidos, tudo esta para se construir, se fazendo e refazendo incessantemente.

A construção da subjetividade feminina passa pelo devir-mulher quando não se submete a padrões de afetividade e comportamento pré-estabelecidos pela sociedade, buscando uma forma individual e única de ser no mundo, ao mesmo tempo em que não se limita e se permite ser de muitos outros modos.

Evoluções não paralelas que não procedem por diferenciação, mas saltam de uma linha a outra, entre seres totalmente heterogêneos; fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes... Tudo isso é o rizoma. Pensar, nas coisas, entre as coisas é justamente criar rizomas e não raízes, traçar *a linha e não fazer o balanço**. Criar população no deserto e não espécies e gêneros em uma floresta. Povoar sem jamais especificar. . (DELEUZE;PARNET, 1998, p.22)

Esse devir-mulher tem muitos modos de se manifestar, ao mesmo tempo em que sempre haverá uma tentativa de captura dessas formas para transformar em um modelo, um estereótipo, porque a norma sempre quer encaixar e estereotipar, o diferente não é bem visto nem aceito, há sempre um parâmetro a seguir e não é disso que se trata o devir, mas é isso para o qual as mulheres sempre foram submetidas.

Nascer mulher é vir com a marca da diferença, é trazer desde o nascimento uma sombra do homem que poderiam ter sido, mas a natureza não permitiu. E esse infortúnio as torna incompletas aos olhos da sociedade, portanto, a única salvação é se submeter ao modelo de perfeição que o homem representa e sabendo que nunca poderá alcançá-lo.

Quando Deleuze fala de devir-mulher, ele diz de um grupo minoritário, não em números, mas em representatividade. “Uma minoria nunca existe pronta, ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar quanto de atacar.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.36). As linhas de fuga das mulheres, como minoria, podem ser pensadas a partir do movimento feminista e suas lutas que constituem uma transgressão em uma sociedade de normatização e patriarcado. Vejamos então os caminhos deste estudo.

4 METODOLOGIA

O método escolhido para fazer essa pesquisa foi a netnografia (Kozinets, 1997), método que se inspira e tira suas ferramentas da etnografia, mas levando ao mundo virtual e todo tipo de comunidade que ele abrange, ou seja, serão investigadas as comunidades virtuais encontradas na internet e o tipo de interação que há nelas, além do tipo de cultura formada nessas comunidades.

Mas antes de detalhar a metodologia dessa pesquisa é importante falar sobre esse modo de pesquisar, um modo novo que tomou emprestado conceitos e formas de se fazer pesquisa que são da antropologia.

Para entender a netnografia, então, é preciso que saibamos sobre sua origem, que vem da etnografia, o método de pesquisa original e que inspirou a netnografia e lhe deu as ferramentas necessárias, segundo Geertz (1978, p.15):

praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle.

Pode-se perceber que a etnografia é mais de que uma simples tarefa ou metodologia, ela também tem um esforço intelectual implicado, um tipo de atitude que deve estar envolvido no pesquisador para que esse possa ficar imerso na cultura, essa imersão implica um risco calculado, pois não há como permanecer em uma cultura diferente e não ser tocado de alguma forma, mesmo que não haja intervenção.

O etnógrafo é o especialista dedicado ao conhecimento exaustivo da cultura material e imaterial dos grupos. Ele observa, descreve, analisa e reconstitui culturas. Trata-se de um investigador de campo dedicado à coleta do material referente a todos os aspectos culturais passíveis de ser observados e descritos – primeiro passo da pesquisa antropológica (MARCONE; PRESSOTO, 1987)

É esse o trabalho de etnógrafo que a netnografia faz, mas ao invés de observar, descrever e analisar comunidades onde elas vivem *in loco*, o esforço está no campo virtual, que hoje em dia também é lugar de morada de muitos, mas é uma morada não palpável e espalhada pelo ciberespaço.

Há uma controvérsia entre autores sobre o uso do termo netnografia e etnografia virtual. Cristine Hine, considerada uma das primeiras autoras a debater a netnografia como método de pesquisa, usa o termo etnografia virtual, nome de seu livro (*Virtual Ethnography*, 2000).

Uma vez que pensemos o ciberespaço como um lugar onde as pessoas fazem coisas, nós podemos começar a estudar exatamente o que é que elas fazem e porque, nos seus termos, elas o fazem. No entanto, assim como com todas as metodologias, mover a etnografia para um ambiente online tem envolvido algumas reexaminações do que a metodologia implica. (POLVANO, 2013 apud HINE, 2000, p. 21)

Essas reexaminações de que Hine fala, estão ligadas diretamente as implicações de se pegar um método usado em um contexto e passar a utiliza-lo em outro contexto, já que existem certas especificidades que não podem ser desconsideradas, há conceitos e métodos que talvez precisem ser revistos, como a noção de campo no método etnográfico e como ele iria se encaixar em uma etnografia virtual, já que a internet é um espaço de muitos territórios, e ao mesmo tempo não é nenhum.

Pensando nessa dificuldade de trazer um método criado para um tipo de público e aplicá-lo em outro, autores pensaram no termo netnografia para denominar a diferença de campo a ser estudado e as implicações metodológicas que isso trás, Gutierrez mostra que,

Diferentemente da etnografia tradicional, a netnografia não exige a presença física do pesquisador. Assim, a abordagem inicial, a chegada ao campo de pesquisa, assume um formato diferente. (...) Além disso, nos espaços on-line, a mediação da tecnologia interpõe na interação entre pesquisador e pesquisados filtros relacionados às possibilidades e peculiaridades de cada tecnologia. (GUTIERREZ, 2009, p. 11)

Dessa forma, usando o termo netnografia assume-se que é uma metodologia diferente em alguns aspectos, e que respeita os limites do campo de atuação e comunidade pesquisada. Além de que, no campo virtual as interações podem ser feitas do jeito que o pesquisador quiser, ele pode escolher onde estar e com quem estar e rapidamente ir para outro lugar, o que não é possível quando falamos de um espaço físico.

Mesmo assim, a netnografia ainda pode ser considerada uma etnografia feita no mundo virtual, o que muda é a visão dos pesquisadores sobre a internet e seu território, já que alguns autores consideram apenas a mudança de campo sem prejuízo para o objeto de estudo e outros consideram que é uma adaptação, pois não se trata do mesmo objeto de pesquisa. “A netnografia é então considerada uma metodologia de pesquisa qualitativa que adapta as técnicas de pesquisa etnográfica ao estudo das culturas e comunidades emergentes através da comunicação mediada pelo computador.” (KOZINETS, 2002, apud ABDALLA; BRAVO,

2011, p.69). Essa citação sintetiza o que representa a netnografia para os pesquisadores que usam esse termo e se utiliza desse método de pesquisa.

Há duas formas de se fazer a pesquisa em netnografia, onde há o pesquisador silencioso (*lurker*) e o participativo (*insider*), essa escolha leva em conta à ética, a privacidade, a interferência e a participação do pesquisador na cultura estudada. Como essa pesquisa trata-se de analisar a construção de identidades, participar seria interferir de alguma forma no campo, portanto, essa pesquisa terá pesquisador silencioso, o que implicou em nenhum engajamento com as páginas, apenas observação sem curtir, comentar ou compartilhar nada.

4.1 Construção do *corpus*

Inicialmente, foram escolhidas duas páginas do *Facebook* de posicionamento feminista, o critério de escolha para as páginas é que deveriam ser declaradamente feministas, ter uma boa quantidade de curtidas/fãs, pois assim elas seriam relevantes e teriam um bom alcance de público, as vertentes do feminismo não foram considerados fatores de exclusão ou inclusão.

Foram escolhidas páginas ao invés de grupos ou comunidades existentes, também no *Facebook*, porque estas possuem um caráter sigiloso e os grupos são fechados, o que dificultaria a pesquisa, já que teríamos que pedir autorização para as moderadoras das páginas ao começar a pesquisa e cada *post* que normalmente é feito por pessoas diferentes também careceria dessas autorizações constantemente o que inviabilizaria em muito o trabalho na questão do tempo. Já as páginas, são públicas e seus posts são abertos para quem quiser ver e comentar e no caso dessa pesquisa tirar *prints*, mantendo, é claro, a identidade das pessoas envolvidas nos *prints* em sigilo.

A primeira página a ser escolhida foi a “Feminismo Sem Demagogia - Original”, que iniciou suas atividades em Outubro de 2012, em sua descrição afirma que a página pertence a vertente do feminismo marxista, na luta por um feminismo de gênero, classe e raça. Ainda em seu texto de descrição esclarece que o uso do nome “original” adicionado a página é devido a página antiga ter sido invadida e as moderadoras destituídas da administração da página. Atualmente tem 1.071.957 seguidores/curtidas e uma quantidade expressiva de

¹ “Feminismo Sem Demagogia Original” www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/

comentários em seus posts, frequentemente as postagens da página são feitas de compartilhamento de textos da sua administradora.

A segunda página do *Facebook* incluída na pesquisa foi a “Não me Kahlo²”, nas informações da página consta que foi fundada em abril de 2015, ainda segundo sua descrição contida na página, a Não me Kahlo é uma coletivo feminista que nasceu como espaço de estudo e debate sobre o feminismo em suas diversas vertentes e tem como objetivo social, a defesa do direito das mulheres e desenvolvimento de estudos sobre o feminismo, a página também tem um site e outros perfis em diversas redes sociais. Atualmente conta com 1.092.810 de seguidores/curtidas, além de contar com muita visibilidade por conta de suas campanhas virtuais.

Ambas as páginas pertencem a administradoras diversas, não tendo apenas uma única gerenciadora, o que implica em posicionamentos diversos e heterogêneos.

4.2 Procedimentos éticos

Um aspecto relevante acerca da netnografia e ao mesmo tempo alvo de polêmicas é a questão da ética na pesquisa netnográfica por conta da visão de que a internet é um espaço público onde temos livre acesso, ao mesmo tempo, quem tem um site, blog ou página no *Facebook* tem a propriedade daquele domínio, a questão ética implicada é, até que ponto aquele conteúdo público pode ser usado livremente e exposto? “Em resumo, a questão quanto à Ética em netnografia é sempre observar: 1) privacidade; 2) confidencialidade; 3) apropriação de outras histórias pessoais; e 4) consentimento informado.” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p.7).

Sendo assim, a pesquisa foi feita a partir do consentimento informado, nesse caso das administradoras das páginas, atentando para o sigilo e confidencialidade de todos os envolvidos e dando os devidos créditos às páginas com relação as suas postagens.

Para seguir as recomendações éticas da pesquisa netnográfica, foi feito contato com as administradoras de ambas as páginas por e-mail solicitando autorização para fazer a coleta de dados a partir de suas postagens, e explicando que seriam dados os devidos créditos, além de informar o objetivo da pesquisa. Foi obtida autorização das administradoras, além de indicações de leitura que seriam pertinentes, após isso a pesquisa foi para a próxima etapa.

² “Não Me Kahlo” www.facebook.com/NaoKahlo/?fref=ts

Depois de delimitar quais as páginas que seriam pesquisadas a partir da Netnografia, o próximo passo foi a delimitação da quantidade de dados a serem pesquisados. Por ser uma pesquisa que tem pouco tempo disponível para ser realizada, e uma análise bem feita requer um tempo considerável, optou-se por pesquisar 03 meses não consecutivos de postagens em ambas as páginas, assim sendo foram escolhidos os meses de Maio, Julho e Setembro de 2016, e o critério para escolher esses meses foi o interesse de que as postagens e o material nelas contidos fosse o mais próximo da execução da pesquisa, dando um caráter mais atual ao material.

Após a definição do que seria coletado, foi criado um perfil no *Facebook* exclusivo para fazer esse trabalho de coleta de dados. As postagens que se enquadravam nos critérios da pesquisa eram “printadas” (função *Print Screen* do computador) e coladas em um documento do Word, depois eram recortadas e enfileiradas no documento criado, que ao todo totalizaram 53 páginas de Word, com em média nove postagens em cada página.

De início, para facilitar o trabalho foi feita uma espécie de varredura inicial, como uma forma de organização para compreender quais eram os temas mais levantados nas postagens e fazer uma separação levando em conta os objetivos da pesquisa, facilitando a etapa das análises.

4.3 Procedimentos de Análise

Nessa pesquisa, a metodologia empregada foi a qualitativa, já que pretende-se compreender um fenômeno sem usar de uma mensuração de variáveis quantificáveis, mesmo que alguns autores critiquem essa dicotomia existente entre quanti e quali “ por entenderem que a pesquisa quantitativa é também, de certo modo, qualitativa.” (RICHARDSON, 2014, p.79)

A pesquisa qualitativa é comumente usada quando se pretende compreender a natureza de um fenômeno, dentre esses fenômenos a subjetividade, elemento da natureza humana com pouca ou nenhuma possibilidade de quantificação. “Nesse tipo de pesquisa o pesquisador se propõe a participar, compreender e interpretar as informações.” (CAMPOS, 2004, p.57)

Segundo Richardson, (2014) existem três situações em que os autores concordam com a necessidade de desenvolver estudos qualitativos ao invés de quantitativos, são eles:

1. Situações em que se evidencia a necessidade de substituir uma simples informação estatística por dados qualitativos. Isto se aplica, principalmente, quando se trata de investigação sobre fatos do passado ou estudos referentes a grupos dos quais se dispõe de pouca informação.
2. Situações em que se evidencia a importância de uma abordagem qualitativa para efeito de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos devido à complexidade que encerra. Nesse sentido, temos estudos dirigidos à análise de atitudes, motivações, expectativas, valores etc.
3. Situações em que observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento de estruturas sociais. (RICHARDSON, 2014, p.80)

Nessa pesquisa, a segunda e terceira situação corroboram a necessidade de usar de métodos qualitativos nessa investigação, entretanto, não descartando completamente o uso de recursos quantitativos quando necessário, já que não há como desvincular um aspecto do outro nem na pesquisa, nem na vida.

Para o método de análise acerca dos fenômenos que serão encontrados nessa pesquisa qualitativa lançaremos mão do método construtivo-interpretativa de Gonzales Rey, que a partir da epistemologia qualitativa compreende o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta (GONZALES REY, 2010).

A forma de se trabalhar em pesquisas qualitativas difere do modo tradicional, é a partir do campo que as ferramentas e as interpretações serão criadas, pois não dá para simplesmente aplicar um método e categorizá-lo, há de se levar em conta que a realidade não esta criada, é a partir dos olhos do pesquisador que ela vai se fazer, de um modo singular para determinado campo.

O conhecimento é um processo de construção que encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo. Portanto, não existe nada que possa garantir, de forma imediata no processo de pesquisa, se nossas construções atuais são as mais adequadas para dar conta do problema que estamos estudando. (GONZALES REY, 2010, p.7)

Não há um modelo *a priori* a ser seguido na análise construtivo interpretativo, “sua única exigência é o caráter ativo do pesquisador, sua responsabilidade intelectual pela construção teórica resultante da pesquisa.” (GONZALES REY, 2010, p.116) Portanto, o pesquisador necessita utilizar ao máximo suas possibilidades interpretativas, criando os próprios modelos teóricos.

Gonzales Rey (2010) propõe a construção de categorias subjetivas que podem ser feitas ao longo da pesquisa ou do diagnóstico, usando os termos núcleos ou eixos de sentido

com o intuito de expressar conteúdos portadores de sentido subjetivo e a partir disso ele formulará hipóteses e categorias que lhe permitem significar seus pensamentos.

Essas categorias criadas não devem ter um caráter de rigidez, mas são formas de visualização e organização da pesquisa em seu processo de construção, dando as categorias um “constante movimento dentro das construções em que se articulam entre si.” (GONZALES REY, 2010, p.139)

A partir desse referencial de pesquisa qualitativa e com os dados já coletados, serão analisados os posts procurando neles as prescrições e descrições presentes nessas páginas feministas, e onde podemos identificar essa capacidade que as páginas, supostamente, têm de forjar identidades feministas, além de compreender quais abordagens feministas se presentificam por meio dessas páginas.

Os resultados das análises serão separados por uma caracterização das páginas e posteriormente sobre o feminismo presente nelas, após isso, iremos articular esses resultados com as noções de devir-mulher procurando uma ligação possível entre o feminismo virtual presente nessas páginas e esse conceito.

5 ANÁLISES

5.1 Construindo feministas na internet

A seguir serão explanados os resultados encontrados na análise das postagens de páginas feministas na internet, nesse caso, Não Me Kahlo e Feminismo Sem Demagogia-Original, páginas escolhidas por serem declaradamente feministas e a princípio conterem em seu discurso uma visão de mulher diferente daquele recorrente na sociedade e no senso comum, fazendo com que suas postagens possam de certa forma influenciar e construir subjetividades e óticas feministas.

Sondar a produção de subjetividades não é uma tarefa fácil, principalmente se a pesquisa abarca apenas quem constrói ou distribui o conteúdo e não o seu receptor, assim buscamos perceber que formas de subjetividades são valorizadas e de que forma isso se dá, quais temáticas são vistas como necessárias em uma página feminista e que tipo de feminista se mostra através disso.

As análises serão divididas em três tópicos para responder as problematizações que iniciam e dão sentido para essa pesquisa. No primeiro tópico será indicado de que feministas estamos falando, o objetivo é mostrar as características do feminismo que estamos

pesquisando, o que ele pretende e quais suas estratégias. No segundo tópico, falaremos sobre as temáticas presentes nesse feminismo de internet e o que elas querem dizer para o seu público alvo, ou seja, quais feministas essas páginas pretendem construir ou desconstruir, seja em termos de posturas, comportamentos ou representações. Finalmente, no terceiro tópico, tentaremos fazer uma ligação entre esse feminismo presente nas redes sociais, e o que ele tem de prescrição e descrição sobre as mulheres e como isso pode ter uma associação com o devir-mulher e seu caráter de permanente construção e desconstrução.

5.2 O que pautam as páginas

A escolha pelas páginas a serem pesquisadas foi de forma aleatória a respeito da vertente feminista que seria abordada, o maior critério era que tivesse uma boa quantidade de seguidores. Isso deu abertura para que vertentes diferentes com visões diferentes sobre feminismo pudessem aparecer nessa pesquisa, nesse caso, as vertentes são parecidas, mas não iguais.

A página Não Me Kahlo em sua descrição afirma ter nascido de um espaço de estudos sobre as vertentes do feminismo e que seu intuito é levar conhecimento e desconstruir o machismo na sociedade, não se afirma categoricamente de nenhuma vertente em específico, suas postagens é que dão uma pista sobre seu tipo de feminismo e as características que ele apresenta.

Já na página Feminismo Sem Demagogia- Original sua posição declarada é de um feminismo marxista, o que para elas significa uma luta contra o machismo inseparável da luta contra o capitalismo, segundo suas próprias descrições na página, ainda deixam claro que homens podem apoiar o movimento, mas nunca tomar o protagonismo das mulheres.

Como podemos ver acima, uma página propõe lutar contra o machismo e estudar o feminismo, sem referir seus pressupostos, já outra página demarca suas posições de forma bem explícita, não deixando dúvidas sobre do que se trata e o que pretende.

Mas nem tudo está contido nas declarações de autoria e informações sobre a página, entendemos que a página também se mostra através daquilo que compartilha com seu público alvo, já que é assim que elas pretendem atingir seus seguidores. A partir dessa constatação é que abaixo tentaremos apresentar as características desse feminismo de páginas da internet, reiteramos que a neutralidade e a objetividade não são pressupostos que balizem a produção do conhecimento, portanto entendemos que no campo da produção discursiva os significados estão em disputa e apresentamos aqui uma interpretação fundamentada naquilo

que estudamos e percebemos, mas que nem por isso se pretende a palavra final.

a) Violência e suas expressões: denúncias e sensibilizações

Como maior luta do movimento atualmente esta o combate à violência de gênero, mas as páginas não tem o papel apenas de denunciar aquelas que já aconteceram, elas também são um importante motivador para que as mulheres possam perceber que nenhum tipo de violência é aceitável. As violências que não são percebidas como tal são mostradas às vezes de uma forma educativa e outras vezes aparecem em forma de arte, como uma música ou uma poesia, tentando atingir de todas as formas a subjetividade feminina.

. O efeito de cada uma dessas violências é fazer a mulher sentir-se inferior e obrigada a se submeter aos padrões de comportamento que agrada aos homens, o que as administradoras de ambas as páginas querem mostrar é que não precisa ser assim e encorajam um enfrentamento frente a esses tipos de opressão como veremos abaixo.

Figura 1– Postagem da página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original (2016)

Esse é um post que tem como objetivo a denúncia e também a conscientização da sociedade, já que por muito tempo a violência contra mulheres era algo naturalizado e até aceitável como forma de domar seu comportamento e suas atitudes frente aos pais, irmãos ou maridos. Escancarar essa violência de forma crua, mostrando números, evidencia que é algo

muito mais presente do que parece e faz pensar que a qualquer momento pode acontecer com alguma mulher por perto ou até mesmo as próprias seguidoras.

Dizer que só uma mulher sabe o que significa, promove um reconhecimento das mulheres sobre sua situação, ao mesmo tempo, que, traz uma forma de consciência de classe, promovendo uma percepção de que pode, cedo ou tarde, fazer parte dessas estatísticas. O que por outro lado chama para a luta, pois ao não querer fazer parte dessas estatísticas é necessário uma mobilização para que essa realidade possa mudar.

Ao mesmo tempo em que traz uma nova consciência para esse assunto, também faz com que as mulheres entendam que o problema não esta nelas e sim na sociedade, isso pode ser visto como uma forma de desconstruir a culpabilização da vítima, já que tenta fazê-las entender que o problema é social e não do comportamento feminino, como veremos na postagem seguinte.

Figura 2 – Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia - Original (2016)

Acima vemos afirmações de senso comum da sociedade acerca do comportamento das mulheres e recomendações de como devem se comportar para não sofrerem violência e ao mesmo tempo a realidade que aparece nos noticiários desmentindo esse modelo de conduta feminino que supostamente a deixaria segura na sociedade.

É importante perceber que esse modelo de conduta é o ideal em uma sociedade patriarcal, onde os homens ficam a frente do poder, dos campos de trabalho e as mulheres ficam em casa cuidando da prole e afazeres domésticos. Parece uma forma de fazer as mulheres voltarem sempre a esses lugares trazendo um discurso de falsa segurança que não se sustenta, já que os fatos são outros e não há lugares seguros para as mulheres, portanto, não há justificativa para fazê-las retornarem para os mesmos lugares.

O tema violência é o mais recorrente nas duas páginas feministas pesquisadas, entretanto, os discursos são bem diferentes daqueles que a sociedade e o senso comum pedem as mulheres, ou seja, que se refugiem em suas casas e deixem que os homens façam por elas e as protejam.

Os discursos encontrados estão na contramão, e, ao invés da fuga, incentivam a luta, ao invés do medo, recomendam coragem, união e desconstrução das velhas concepções a respeito do papel de mulher e de homem na sociedade que fazem com que mais e mais mulheres sofram com a violência seja em casa ou fora, pois acreditam ou acreditaram que eram culpadas pela violência sofrida e não procuraram por ajuda. Isto contrasta com outras soluções que culpam a vítima.

b) Pautas interseccionais e a importância delas no feminismo

Quando falamos de feminismo na internet, esse feminismo é genérico, porque podem ter inúmeros modos de ser feminista na internet e um pode não ter nada a ver com outro. Analisando as postagens dessas duas páginas feministas, percebemos o quanto é importante um olhar atento nas descrições das páginas, já que elas dão um panorama geral do que vamos encontrar, mas mesmo se não olhássemos, a partir de um olhar mais demorado sobre as postagens teríamos como saber quais são as características do feminismo de cada página.

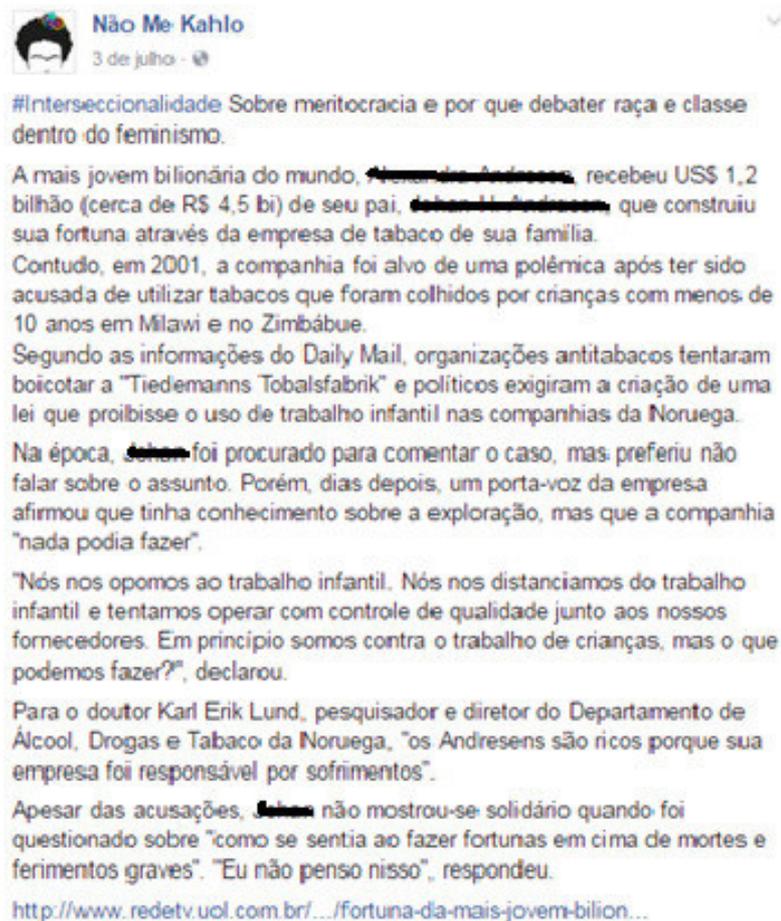
De início as páginas aparentam ter visões parecidas sobre o feminismo, e com isso vem a tona o conceito de interseccionalidade, falado pelas próprias administradoras ou através de citações de teóricas dessa vertente do feminismo. Entendendo a intersecção como “responsável pela formação de um sujeito específico e, conseqüentemente, de determinados lugares sociais, de formas de ser e estar no mundo e relações interpessoais.” (OLIVEIRA, 2006,p.66)

Fazer um feminismo interseccional implica estabelecer recortes a partir de diferentes lugares dando oportunidade para que cada um tenha voz e possa ser ativo dentro do

movimento, isso não é fácil, assim como também não era fácil ter um feminismo que só tinha pautas de mulheres privilegiadas e pretendia ser universal.

Analisando as páginas, podemos ver que, seja através de posts das administradoras ou através de compartilhamento de citações de autoras feministas perceberemos que os indícios do feminismo com recorte estão nessas páginas e isso demonstra que é esse o tipo de feminismo que esta se propagando em ambas as páginas, porém, mesmo oriundas de vertentes semelhantes de feminismo, destacaremos abaixo algumas singularidades presentes em cada uma das páginas, mostrando que apesar de a luta feminista ser a mesma, os caminhos para chegar a ela podem ser diversos, o que também dá uma maior diversidade para o público que absorve esses conteúdos:

Figura 3 - Postagem da Página Não Me Kahlo



Fonte: Reprodução Facebook Não Me Kahlo (2016)

Figura 4 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia - Original (2016)

Nas postagens acima vemos a importância que as duas páginas dão para o debate e a importância da interseccionalidade dentro do movimento feminista. Porém, olhando mais de perto não é difícil notar que as posturas das páginas são diferentes, ou ainda, que uma deixa mais clara suas intenções do que a outra.

Na postagem da página Não Me Kahlo, a administradora dá uma pequena explicação da intenção do compartilhamento da matéria de jornal e em seguida posta o texto da matéria quase na íntegra, seu texto alerta da importância de debater a interseccionalidade, mas ela não inicia um debate, deixa que as pessoas nos comentários iniciem por si. Essa postagem não explica a posição da página, ela chama para o debate, assim como outras postagens semelhantes na página que contém citações de autoras feministas que defendem a interseccionalidade, tendo em vista as descrições a respeito da intenção da página no *Facebook*, esse post e os outros sobre o mesmo tema são condizentes com o que a página diz sobre si, um lugar para debater a respeito do feminismo, sem um rótulo a respeito do seu próprio feminismo.

Já a postagem feita pela página Feminismo Sem Demagogia-Original não é tão sutil a respeito de suas posições que também condizem com sua descrição no *Facebook*. O texto da postagem foi feito por uma das administradoras da página que contribui periodicamente dessa forma, com textos autorais, e nos diz muito a respeito de como o feminismo é pensado pelas administradoras e, portanto, é essa visão que levam para a página a respeito do que é ser feminista.

Seu texto fala a respeito de estratégia e tática dentro do feminismo de acordo com a vertente de cada uma, e ao final fala sobre sua própria vertente, o feminismo marxista, que tem características semelhantes ao feminismo interseccional, menos quando se trata de capitalismo, entendendo-o como um sistema opressor que deve ser eliminado para dar lugar ao socialismo, ao explicar isso deixa implícita sua crítica ao feminismo interseccional, pois entende que ele não tem como vingar mantendo o capitalismo como sistema operante na sociedade.

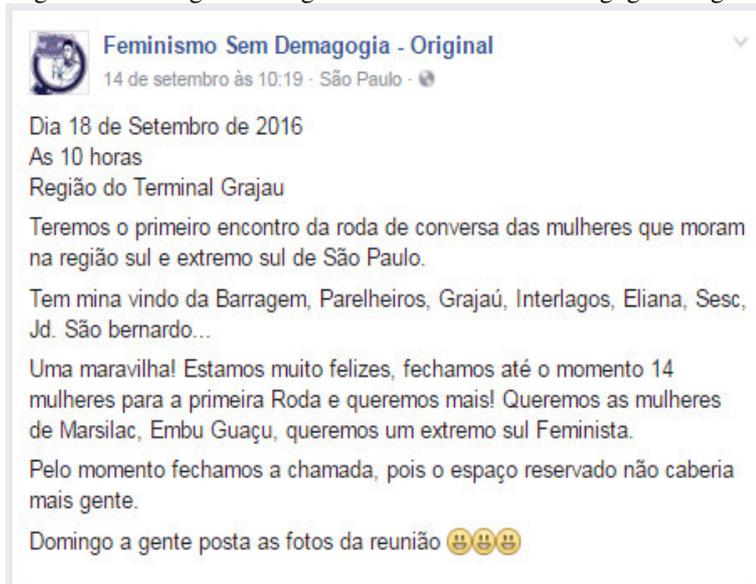
Tomando essas postagens como exemplo do que essas páginas representam para seu público quando se trata de caracterizar o próprio feminismo é que conseguimos entender também as formas diferentes com que difundem esse feminismo fora da internet: uma vai às escolas, universidades e programas de TV debater e falar sobre o feminismo, problematizando questões pertinentes na atualidade, e já outra procura estar mais perto de pessoas de regiões periféricas, que não tem tanto acesso as informações e onde o feminismo não esta tão presente, e nesse meio quer construir grupos de estudos, o que condiz com sua tática de dar poder ao proletariado e como primeiro passo para isso busca levar conhecimento a essas pessoas marginalizadas ou esquecidas.

c) **Para além do virtual: as atuações em outras instâncias**

Outra característica das páginas feministas encontrada nas análises é que ambas tem uma atuação fora da internet, enquanto uma lançava um livro sobre o feminismo, outra convidava mulheres para compor um grupo de estudos sobre o movimento feminista, em comum, ha um desejo de que as palavras não se percam na internet e possam dar frutos posteriormente, que a luta não esteja limitada apenas a uma tela de computador ou celular.

Há muitas postagens convidando para eventos onde haverá alguma administradora da página dando palestra, ou programas de rádio ou televisão em que haverá participação das mesmas, como veremos a seguir, exemplos de mobilização das páginas para além das redes:

Figura 5 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia- Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original (2016)

Figura 6 - Postagem da Página Não Me Kahlo



Fonte: Reprodução Facebook Não Me Kahlo (2016)

Como podemos perceber, o feminismo presente nas redes é apenas mais uma das táticas para que esse movimento social possa estar nos lugares onde as pessoas estão, angariando cada vez mais mulheres e apoio da sociedade em geral.

Fazer um grupo de estudos, como proposto pela página Feminismo Sem Demagogia-Original, sinaliza um desejo de estar em contato com as mulheres que estão

acompanhando as postagens das páginas, mais do que isso, também aponta que as donas dessas páginas, não consideram suficientes as problematizações que propõe em seus posts, e acreditam ser necessário um estudo mais aprofundado com pessoas que se interessem.

Na página Não Me Kahlo, as administradoras da sua forma também estão levando para fora da internet as vivências e aprendizados que consideram importantes, no caso da postagem acima elas estavam presentes em uma escola, um lugar que é um dos pilares de aprendizagem para a vida adulta e onde pode-se começar a desconstruir preconceitos e estereótipos aprendidos em dentro do seu próprio ambiente ou no meio familiar.

Isso mostra que o feminismo das páginas da internet não está restrito apenas ao contato virtual e apresenta reverberações em outros espaços, levando conhecimentos para quem está nas fases iniciais da vida, ou trazendo para mais perto seguidoras que desejam estudar mais profundamente o movimento, o importante nessas ações é que o ativismo está online e off-line, portanto, não se trata apenas de um ciberativismo sem qualquer consequência no mundo real, ou seja, a internet é uma tática de luta.

5.3 Ser feminista é...

Nesse tópico daremos um passo à frente para buscar a compreensão a respeito do que essas páginas estão repassando para suas seguidoras e o que isso quer dizer do tipo de feminismo esperado delas a partir do que foi postado e compartilhado nas páginas pesquisadas.

Como nessa pesquisa estamos do lado de quem propaga o conteúdo e não de quem recebe, só temos os elementos do emissor para trabalhar e tentar construir uma forma de interpretação que será parcial, pois uma parte não faz o todo.

De início, só como consequência da caracterização das páginas podemos ter uma noção de que o tipo de feministas almejado pelas páginas pode ser divergente em alguns pontos, já que apresentam objetivos diferentes em sua concepção e também na forma de executar suas ações no mundo real, mas abaixo elencaremos seus pontos em comum.

a) Exercer a empatia

Um elemento a ser explorado aqui, que aparece tanto como uma característica das páginas quanto um aspecto esperado da conduta de feministas que seguem essas páginas é o apreço pela luta das minorias, e isso é refletido nas postagens das duas páginas pesquisadas,

mesmo com suas pequenas diferenças. Empatia é a palavra mais usada, se colocar no lugar do outro e sentir o sofrimento alheio como se fosse o próprio sofrimento, essa é uma qualidade esperada das feministas de internet e que é constantemente incentivada quando são postados casos de racismo, homofobia e outros tipos de discriminação sofridos por pessoas marginalizadas na sociedade.

Essa aproximação do feminismo com as minorias da sociedade faz com que lutar e apoiar as outras minorias seja uma das missões do feminismo e, portanto, é algo que as seguidoras simpatizantes do feminismo devem ter como bandeira de luta se quiserem fazer parte desse ativismo.

Esse aspecto nos leva a entender que o feminismo para além de suas questões e desconstruções a respeito do gênero e lugar da mulher na sociedade também deseja que suas seguidoras desconstruam suas visões com relação aos outros grupos minoritários, que possam conhecer e ajudar em suas causas, ter empatia por essas pessoas e não fazer parte da grande massa que as discrimina e rotulam assim como fizeram e fazem com as mulheres.

Figura 7 – Postagem da Página Não Me Kahlo



Fonte: Reprodução Facebook Não Me Kahlo (2016)

Essa tirinha é emblemática quando se trata de lutas de minorias e pessoas marginalizadas na sociedade, pois ela aparece nas duas páginas e contém em si verdades históricas a respeito da escravidão e o racismo presentes até hoje.

A luta de negros por sua liberdade e autonomia na sociedade ainda esta presente, pois, se não há escravidão com correntes permaneceram entraves sociais que impedem que os negros possam sair da marginalização em que foram colocados muito tempo atrás, e dos temas abordados no feminismo o racismo é o mais recorrente e abrangente, pois ele atinge homens, mulheres, adolescentes e crianças.

Para uma mulher que esta conhecendo o feminismo e goza de todos os privilégios que podem existir por sua classe e raça, o racismo não tem qualquer impacto na sua vida, pode até ser algo inexistente na sua concepção. Dependendo da vertente que ela acompanhe, esse assunto pode ser abordado e isso pode ser problematizado fazendo com que ela perceba os próprios privilégios e que sua visão sobre o racismo possa ser desconstruído, até mesmo porque ela pode olhar com outros olhos para o mundo que a cerca e experiências vividas, levando-a a perceber o quanto tem estado alheia a isso.

É possível perceber esse convite à empatia também nas postagens a seguir, onde as problemáticas tem relação com minorias, mas não especificamente com questões que, no senso comum, seriam pensadas pelas feministas:

Figura 8 - Postagem da Página Não Me Kahlo



Fonte: Reprodução Facebook Não Me Kahlo (2016)

Figura 9 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original (2016)

Nas duas postagens o foco são duas questões relevantes que afetam muitas pessoas na sociedade: o racismo e a transfobia. O racismo, embora seja um problema de ambos os sexos, aparece nesse post sendo praticado contra um homem, por uma mulher, e, embora a página não se pronuncie e apenas reproduza o conteúdo da matéria, não a exime de culpa por isso, mesmo não destacando esse fato.

Na segunda postagem um projeto de lei feito por deputados para impedir que transexuais possam usar o nome social, um direito que adquiriram recentemente. Assim como as mulheres, transexuais também são uma minoria em representatividade na sociedade, e a administradora da página questiona o porquê de acharem que as feministas é que são más e querem o mal das pessoas, já que não é delas que partiu a iniciativa para esse projeto e sim de um deputado que representa a maioria na sociedade.

As postagens, apesar de serem diferentes daquelas que o senso comum acredita que deveriam existir em páginas feministas, tem o papel de mostrar que o feminismo das redes não esta em uma zona de conforto, onde os assuntos e temáticas são sempre as mesmas, não agregando nada de novo. Além disso, mostra que ao apoiar e lutar por outras causas o feminismo da internet também ganha outros aliados, trazendo para junto de si mais pessoas dispostas a lutar pela causa.

b) Lutar

Um dos mecanismos legais que no Brasil ainda é usado para coibir a liberdade de escolha das mulheres é a criminalização do aborto, que continua a acontecer independente disso, e na postagem abaixo fica explícito. Para além de questões religiosas ou morais, o feminismo presente nessas páginas quer mostrar, que, além da corrente invisível alimentada pelo conservadorismo da sociedade, ainda há uma limitação imposta pelo Estado que restringe uma escolha pessoal sobre o próprio corpo.

Figura 10 - Postagem da Página Não Me Kahlo



Fonte: Reprodução Facebook Não Me Kahlo (2016)

Nessa postagem além da questão da descriminalização do aborto também há uma questão de classes, já que, segundo a postagem, se as ricas abortam e as pobres morrem é porque todas se submetem a esse processo, mas nem todas têm condições financeiras de fazer em um lugar seguro e de qualidade.

Essa postagem remete a um chamamento para a luta, já que foi assim que muitos direitos e oportunidades de escolha foram sendo conquistados pelas mulheres durante a história e é assim que, talvez, futuramente, as mulheres no Brasil possam ter o direito de escolher se querem continuar com uma gestação ou não.

Esses posts querem trazer as mulheres para o centro da sua própria história, chamando para uma mudança de comportamento diante da sociedade que tem uma visão estereotipada a respeito da mulher, e quando é falado em sociedade, as mulheres também

estão incluídas nesse meio, já que foram ensinadas a estar limitadas em funções e comportamentos, e por isso podem não acreditar em si nem em outras mulheres em papéis de protagonismo.

Nessas postagens em que o lutar aparece, há um chamamento para movimento feminista, aqui representado pelas páginas do *Facebook*, mostrando a faceta mais conhecida desse movimento social, mas também assumindo suas múltiplas possibilidades, e não ficando restrito apenas a isso. Também pode ser visto como um incentivo para que cada vez mais mulheres possam perceber que esta nas suas próprias mãos decidir sobre o seu destino e que nas questões que ainda não podem decidir, como o aborto, possam lutar para também ter esse direito.

Apesar de todo esse incentivo e conscientização que se pretende fazer em torno do livre arbítrio feminino, há certas contradições e rixas presentes dentro do próprio movimento feminista que são denunciados, nesse caso, pela página Feminismo Sem Demagogia-Original, como podemos ver abaixo:

Figura 11 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original (2016)

A discussão acima foi postada em resposta há um incentivo que feministas radicais estavam dando para que as feministas virassem lésbicas como um ato político, como uma forma de resistência. Partindo da postagem acima poderíamos fazer uma série de observações e problematizações, mas o foco nessa discussão é o poder de escolha de mulheres e o incentivo que o feminismo dá nessa direção.

Nesse compartilhamento postado pela página há uma contradição entre o que as páginas feministas esperam de mulheres e o que feministas de outras vertentes estão dizendo para outras mulheres, e isso só reforça o que foi dito até aqui com respeito a percepção do que as páginas ambicionam das mulheres, ao menos nessas páginas pesquisadas, a liberdade de escolha para as mulheres é respeitada nos pontos até aqui percebidos.

Por mais que sejam vertentes diferentes e isso é bem demarcado para não deixar dúvidas, ainda assim tem o nome de feminismo e para alguém que esta fora dessas discussões não faz muita diferença, e esse é outro ponto importante, a postagem também revela uma preocupação com essas pessoas que ainda não tem um conhecimento muito aprofundado a respeito do feminismo e acredita que o movimento é único sem se atentar para suas vertentes, o que pode causar um afastamento, já que ninguém quer perder o poder de decidir sobre a própria sexualidade ao aderir a qualquer movimento.

Figura 12 - Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original (2016)

Aqui é o comentário da administradora da página com relação a postagem relacionada ao lesbianismo político pretendido pela feministas radicais e seu posicionamento explicitamente contra esse tipo de postura, já que vai na contramão de ter autonomia e poder escolher o que é melhor para a própria vida, pois trata-se de uma coação para que as mulheres adotem um comportamento padronizado em relação a própria sexualidade.

Percebe-se que há lutas dentro do próprio movimento e que algumas pautas defendidas por algumas vertentes estão em desacordo com outras, e, quando isso acontece é necessário que haja uma manifestação para demonstrar apoio ou reprovação como foi feito nas duas postagens acima. Até porque não deveria condizer com este movimento dizer o que as mulheres podem fazer, e, posteriormente impor um tipo de comportamento para que as mulheres possam ser aceitas, ou discriminar aquelas que porventura não façam tudo o que for prescrito para que seja considerada uma feminista.

Analisando as postagens é possível perceber que além de querer mulheres protagonistas e com capacidade de tomar as próprias decisões, mesmo que estas não estejam de acordo com o que se espera de uma mulher na sociedade, as páginas também anseiam que mulheres se assumam como feministas, pois em um movimento social quanto mais pessoas participarem mais força esse movimento terá e, portanto, maior relevância na sociedade.

E esse é o outro ponto que descreve uma feminista e que possivelmente as páginas esperem de suas seguidoras, que essas possam assumir sua identidade feminista para

sociedade, mesmo sabendo o que isso implica, pois assim como ocorre com os gêneros, uma feminista carrega em si uma série de estereótipos atribuídos pela sociedade, quer sejam de modelos antigos de como ser feministas ou apenas preconceitos atribuídos por aqueles que temem a expansão do movimento.

A postagem abaixo, mesmo sendo citação de outra pessoa diz muito a respeito do que a página pensa sobre se assumir feminista, e expressa um desejo que mais mulheres se identifiquem com o movimento.

Figura 13 - Postagem da Página Não Me Kahlo



Fonte: Reprodução Facebook Não Me Kahlo (2016)

Muito do preconceito com a palavra feminismo vem da percepção de que o feminismo é o contrário de machismo e, portanto, usa as mesmas armas desses para combater o sexo oposto, e essa percepção muitas vezes é reforçada por grupos de feminismo extremistas que tem suas condutas vistas como representacionistas do feminismo e com isso afasta as pessoas.

O incentivo para assumir o feminismo parece vir para quebrar esse modelo padrão construída em torno das feministas, já que, o aparecimento de mulheres com outros perfis que não aqueles pensados como feministas pode trazer uma confusão e ao mesmo tempo um reconhecimento de que não há requisitos que devem ser preenchidos, a maioria deles de caráter externo, para se assumir feminista.

Aliás, além de haver esse preconceito a respeito de ser feminista na sociedade existe um movimento que tem como propósito fazer a sociedade se voltar contra as conquistas das mulheres e consequentemente contra o movimento feminista, esse movimento é chamado de *backlash* e nada mais é do que “uma reação conservadora que se dá toda vez que um movimento minoritário avança de alguma forma”. (LEÃO, 2015, p.1) Ou seja, o *backlash* também é responsável pelo preconceito e medo que as mulheres têm de se assumir feministas, mesmo que lutem pelos mesmos direitos que as feministas lutam, já que se há uma onda conservadora que faz de tudo para boicotar esses avanços conseguidos pelas mulheres, desmerecendo e atribuindo uma carga negativa a cada uma delas, ninguém vai querer participar de um movimento do qual toda a sociedade esta contra, mesmo sem conhecer, pois isso implica uma assumir uma carga negativa sobre si.

Muitas formas de se usar o *backlash* contra o feminismo são baseadas em mentiras e histórias inventadas, travestidas em verdades, entretanto, as vezes, ações e atitudes tomadas dentro do próprio movimento feminista podem servir como arma contra o próprio feminismo, quando não muito bem explicadas ou quando vão em desacordo com grupos ideológicos contrários, como no exemplo abaixo.

Figura 14 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original

Ainda insistindo na identificação como feministas, pretendida por essas páginas, é recorrente que haja retratações a respeito de declarações de outras feministas, nesse caso, é de feministas liberais. E a intenção é desmistificar o que se pensa a respeito de feministas e

mostrar que há várias formas de feminismo, já que na postagem é indicado que tipo de vertente pensa da forma mencionada no texto e que isso não reflete o que pensam as autoras dessa página.

Vemos também que há uma defesa de discurso e forma de se fazer feminismo em resposta a outras vertentes que priorizam outras falas e ideologias, e isso parece ter a intenção de captar entre as leitoras e seguidoras da página aquelas que têm um pensamento semelhante, e, portanto tem visões feministas parecidas, ao mesmo tempo em que, pode afastar as que têm um pensamento igual ao mostrado na postagem, fazendo com que essas procurem, em conformidade com seus ideais, buscar os lugares onde sintam-se acolhidas.

Há uma grande potencialidade no feminismo presente na internet, já que ele é uma porta de entrada para vivências no mundo real e isso se torna claro, principalmente no que se refere a assumir identidades feministas, pois a internet é o lugar onde podemos nos aproximar sem precisamente estar perto, e essa proximidade pode vir a ser o lugar de abertura para muitos campos não explorados ou não assumidos da própria vivência.

Conhecer o feminismo virtual em uma rede social é algo muito mais fácil do que participar de um grupo de estudo que envolve um deslocamento e também um compromisso maior, essa aparente falta de compromisso com o que está exposto online dá uma maior liberdade para que haja essa exploração e busca de conhecimento. Saber sobre algo pode implicar uma maior aproximação e posteriormente uma identificação, podendo extrapolar o campo do virtual e ir para o real.

Com o feminismo não é diferente, as informações sobre ele estão nessas páginas mesmo que não de forma aprofundada, entretanto, cada postagem busca mostrar o que é o feminismo, como é a luta e quais são as dificuldades, querendo através disso desfazer os preconceitos que possam estar associados ao ser feminista.

E, desfazer esses preconceitos acerca do feminismo é um trabalho recorrente dessas páginas, já que para atrair mais simpatizantes é necessário que os seguidores saibam mais sobre o que seguem, fazendo com que seja necessário um trabalho que pode ser denominado de educativo, já que buscam trazer o conhecimento sobre o feminismo, desde suas origens até a situação do movimento atualmente, desmistificando estereótipos atribuídos as mulheres que são feministas e possíveis obrigatoriedades de comportamento e atitudes ao fazer parte do movimento.

c) **Desconstruir**

A postagem abaixo remete a um protagonismo feminino, buscando através de palavras de motivação e encorajamento, forjar uma construção pessoal que não esteja ligado a modelos externos, estimulando a mulher a ser forte, no sentido oposto a fragilidade imputada ao sexo feminino, duas características que na visão estereotipada a respeito da mulher na sociedade não se coadunam, já que a mulher é vista como o sexo frágil e que age apenas pelas emoções, nunca pela razão.

Figura 15 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original (2016)

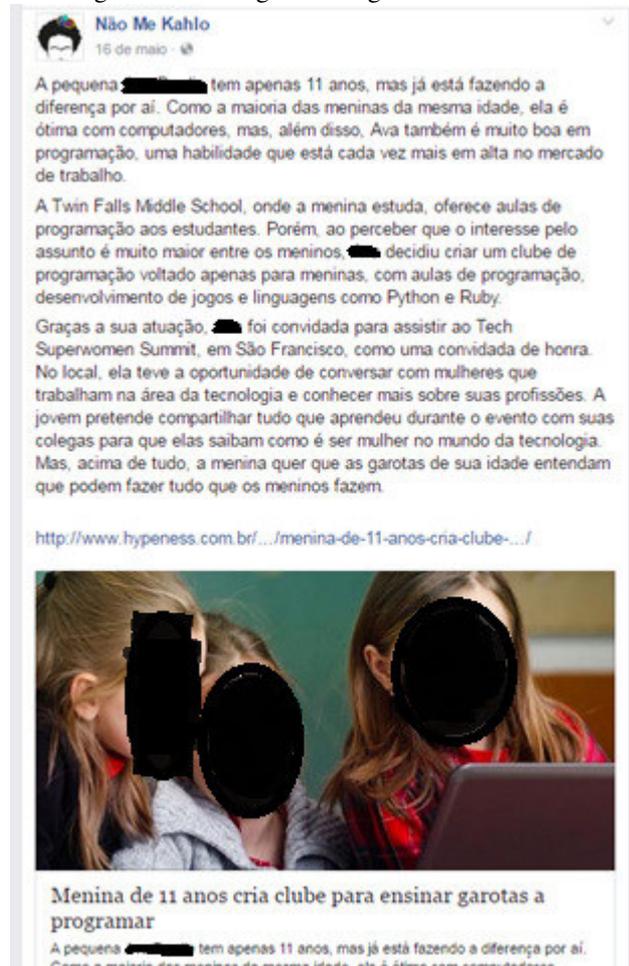
É perceptível o quanto a mensagem já traz em si uma quebra de padrão a respeito do que é ser mulher e o que é esperado dessa mulher, algo diferente do que a sociedade acredita que ela é capaz, já que a força ficou estabelecida como sendo uma qualidade masculina e portanto dificilmente imputada as mulheres, tanto que da mulher forte geralmente se diz que é como um homem, ou parecida com um.

Esse post, então, vem para desnaturalizar essa característica que não é exclusiva de um gênero e sim é uma construção social que privilegia e incentiva com que homens cultivem uma força, tanto física quanto mental, e ao mesmo tempo diz para mulheres que elas são frágeis e necessitam dessa força que só os homens possuem.

Já no próximo post, vemos um exemplo concreto de protagonismo feminino, que ao mesmo tempo age e quebra padrões nos meios onde convive trazendo uma consciência

tanto para ela, quanto para os outros, do quanto certos padrões são construídos socialmente e muitas vezes uma pequena ação pode modificar isso, ainda que em um campo restrito.

Figura 16 - Postagem da Página Não Me Kahlo



Fonte: Reprodução Facebook Não Me Kahlo (2016)

Apesar de ser uma matéria e não uma postagem da página, esta compartilhou e, portanto, tem uma relação direta com o pensamento das administradoras e o que elas pensam sobre como ser uma protagonista feminina. O essencial da postagem é que uma menina de 11 anos com grande facilidade para programação percebeu que muitas meninas não se interessavam por essa área e decidiu ensiná-las, com isso seu trabalho foi reconhecido nessa profissão onde ela ousou se arriscar.

As problematizações mais claras são referentes à percepção que essa criança teve a respeito da falta de mulheres no meio onde ela atuava, e isso diz muito sobre o quanto é problemático separar atividades, comportamentos e características de acordo com o gênero na sociedade, porque é disso que se trata, ela não encontrou mais mulheres como ela no meio onde estava atuando porque as áreas de tecnologia são dominadas por homens, já que

tecnologia envolve pensamento racional e lógico, coisa que não é atribuída ao universo feminino e, portanto, elas não são encorajadas a atuar nesses meios, ao contrário dos homens, pois se razão e lógica são características naturais destes, esse é o ramo em que devem investir.

O protagonismo aparece no momento em que a criança procura outras meninas como ela para ensiná-las como programar computadores, pois parte do pressuposto que elas não gostam ou não tem interesse porque não conhecem e assim ela busca levar esse conhecimento.

As postagens anteriores, apesar de serem de páginas diferentes parecem ter se complementado, pois há um encorajamento ao protagonismo feminino em uma e na outra há um exemplo do que esta sendo e o que pode ser feito, mesmo que fique claro o quanto não é tão simples ser protagonista sendo mulher na sociedade, já que não foi para isso que fomos criadas, e toda a criação em torno do feminino parece ter se baseado na construção de uma pessoa com recursos incompletos e insuficientes para si mesmos, fazendo com que precise estar acompanhada de alguém do sexo masculino para se sentir segura e protegida na sociedade.

Portanto, estimular o protagonismo feminino através de palavras ou de ações, como as páginas feministas fazem é ir contra a forma de socialização que as mulheres estão submetidas, já que as funções *a priori* dessas estão ligadas ao cuidado e ao lar, enquanto aos papéis masculinos estão incumbidos de ir para o mundo enfrentar as dificuldades e ser forte, ser protagonista da própria vida e se realizar através da profissão e outras conquistas pessoais.

Esse é outro ponto em que os papéis atribuídos ao gênero negam as mulheres na sua busca por protagonismo na sociedade, já que para estas, a realização esta sempre ligada a outras pessoas, dando a impressão de que não consegue ter sucesso por si só, seu sucesso esta ligado a ter um casamento e ter filhos, não basta ser uma boa profissional, se lhe faltarem esses itens ela será incompleta, enquanto para homens não há essa distinção, seu sucesso esta diretamente relacionado ao lado profissional e social, ser marido ou pai não é uma exigência e seu valor não é diminuído pela falta desses papéis na sua vida.

Olhando através desse prisma fica fácil entender o porquê das páginas feministas dessa pesquisa tentarem estimular esse protagonismo em suas seguidoras por meio de suas postagens, não há feminismo se não houver mulheres lutando e sendo autoras da própria vida, não há feminismo se as mulheres aceitarem esse lugar socialmente construído, onde sua função é viver em função dos outros, destituída da própria vida e cometendo inúmeros sacrifícios para o alívio alheio.

Estimular o protagonismo feminino é uma forma de tentar desconstruir a visão tanto das mulheres quanto de homens a respeito desses papéis socialmente construídos de acordo com o sexo biológico, onde a partir do seu aparecimento surgem inúmeras prescrições de como ser cada um deles, sem qualquer questionamento, apenas uma reprodução de visões estereotipadas que trás muito mais vantagens para um sexo do que para outro.

Há uma grande diferença na forma de se socializar homens e mulheres e todas as características valorizadas pela sociedade foram ensinadas e estimuladas em homens, há muito o que se desconstruir e aprender por parte das mulheres para que essas possam estar em um patamar de igualdade com o sexo masculino, socialmente falando.

Uma característica muito enfatizada e que também tem haver com o protagonismo feminino é a insistência para que as mulheres possam fazer suas próprias escolhas e isso perpassa diversas temáticas que são causas de luta no feminismo. Abaixo será mostrado, através das postagens, a importância do direito de escolher para a luta feminista.

Figura 17 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original

Fazer escolhas não é algo ensinado as mulheres, isso é mais um item que não consta na “programação feminina”, aqui entendida como um conjunto de comportamentos, habilidades e obrigações que são impostos e ensinados às mulheres desde o seu nascimento, que geralmente cresce fazendo o que os pais querem e depois essa tutela passa para o marido.

Na postagem acima, uma personagem de filme questiona a razão de ter que satisfazer as expectativas alheias e não as próprias, e, ao redor da imagem as administradoras da página corroboram, afirmando que não precisamos cumprir as convenções sociais e nem

seguir a programação patriarcal, essa expressão faz referência às imposições de uma sociedade que tem como base o patriarcado “uma organização social que sistematicamente beneficia o homem em detrimento a mulher.” (CISNE, 2014, p.78).

A programação patriarcal esta alicerçada em toda construção social em torno da mulher que a lembra, a todo o momento, da sua fragilidade e do predomínio da emoção sobre a razão que há nela, tornando características construídas em algo naturalizado de acordo com o sexo. E com essas características entende-se que não há como uma mulher saber fazer as próprias escolhas já que, convencionou-se que deve haver uma grande dose de racionalidade para que alguém possa fazer escolhas e as emoções devem ser deixadas de lado.

Ora, se as emoções não servem para fazer escolhas e as mulheres não conseguem abdicar delas a sociedade entende que é natural que alguém dotado de maior racionalidade possa fazer isso, e é nesse momento que as mulheres perdem seu direito de tomar as próprias decisões, ou tem esse direito ignorado e deslegitimado.

Isso começa muito cedo, quando decidem a cor da roupa que deve usar por ser mulher, o rosa, geralmente, a forma que deve se comportar, onde deve ir e as coisas que não deve falar, porque não é coisa de mulher. Há opções muito limitadas quando se é mulher em uma sociedade patriarcal, já que fica subtendido que os papéis que os homens exercem as mulheres não devem exercer, relegando-as para as áreas que sobram, onde podem ter seu espaço de atuação.

Na vida adulta não é diferente, já que vendem um discurso de uma maternidade que pode completar a mulher e que sem isso ela sempre vai ser incompleta e esse mesmo discurso é empregado para convencê-la de que casar é necessário e vai trazer-lhe mais segurança. Assim, muitas mulheres vão seguindo a “programação” que se espera delas e elas acreditam que o fizeram pela própria escolha, é claro que há muito de escolha em tudo isso, entretanto, muitas dessas escolhas são feitas a partir de visões fantasiosas sobre o objeto de preferência. É o caso da romantização da maternidade, que prega para as mulheres tanto a incompletude destas enquanto não forem mães, quanto o olhar de que ser mãe é padecer no paraíso, deixando de mencionar as dificuldades que se enfrenta e o quanto muito de si terá que ser empregado nessa empreitada, já que a participação masculina na criação dos filhos é pouca e ela sempre será responsabilizada por qualquer coisa que tenha relação com esse filho.

Na postagem anterior, a página Feminismo Sem Demagogia–Original procura mostrar para as suas leitoras que elas podem escolher, podem fazer o que quiserem e isso é verdade, até certo ponto, pois a liberdade é limitada a partir do momento em que a sociedade cria mecanismos legais que limitam o livre-arbítrio feminino de poder fazer as próprias

escolhas e isso não é algo recente, já que, antigamente no Brasil não era aceitável que mulher trabalhasse sem o aval do marido, este legalmente era seu dono e poderia proibi-la de exercer qualquer atividade fora de casa. Além disso, a violência contra a mulher e até sua morte poderia ser justificada, caso a mulher tenha se desviado daquilo que era esperado dela, ou seja, a posse da mulher como um objeto era respaldado por lei e seu poder de escolha era quase nulo, felizmente essa realidade mudou.

Portanto, vimos até aqui que mulher feminista descrita por essas páginas procura ser protagonista da própria vida, ou pelo menos esta tentando ser, buscando uma desconstrução, ela também toma as decisões que precisa, não obedecendo a um modelo de como deve ser a mulher e que escolhas deve fazer como tal. Também não aceitam sofrer violências calada e os discursos que tentam coloca-la como culpada caso sofra, pois não agiu de acordo com o esperado dela. Resumindo, a feminista que essas páginas esperam não se espelha em modelos ultrapassados e estereotipados do que é ser mulher, e como tal, estão construindo continuamente para si a mulher e feminista que desejam ser.

6 DEVIR MULHER NA REDE

Para concluir as análises dessa pesquisa tentaremos estabelecer uma ponte entre as visões acerca da mulher, presentes no feminismo da internet e o devir-mulher, um conceito criado por Deleuze & Guatarri que pareceu adequado a esse propósito de aproximação por propor o devir-mulher como “chave para o aniquilamento do pensamento dualista e a transformação do que somos, enquanto devir-revolucionário, e para a criação de novos modos de existência.” (SANTINI, 2015, p.101)

O feminismo de internet ou não, esta aí, a princípio, para modificar esse pensamento estereotipado a respeito das mulheres, e ele se torna importante na internet porque esta constitui um espaço aberto e acessível. As páginas promovem através de manchetes de jornais, artigos e outras formas de mídia a ideia de que a mulher não é um modelo estático e sim uma construção social que a aprisionou em padrões de existência e formas de ser estereotipadas, além de outras problematizações que também estão presentes nesses espaços.

A questão aqui colocada é, se pode haver conexões a partir do que a teoria de Deleuze & Guatarri entende como devir-mulher que liguem esse devir ao feminismo da internet, se há caminhos que se cruzam, pontos em comum que possam estabelecer ligações e

assim dar uma pista sobre o impacto que a constituição do feminismo nesse espaço pode acarretar.

Articularemos aqui sobre os aspectos do devir-mulher ao mesmo tempo em que procuraremos captar as percepções sobre o feminismo da internet que se coadunam com os aspectos da teoria de Deleuze & Guatarri, assim, traçaremos um paralelo que venha a servir como embasamento teórico para as análises e reflexões sobre as características do feminismo na internet.

O devir-mulher traz em si o aspecto não normativo, portanto, não faz parte de nada que já esteja construído ou constituído na sociedade, e foi nomeado como devir-mulher porque esta é que está mais próximo do homem e, portanto, do padrão que este representa na sociedade. Enquanto o devir-mulher esta relacionado ao revolucionário o homem esta implicado em um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do “é evidente por si mesma, sem discussão.” (BOURDIEU, 2003, p.31) Significando algo inteiro em si mesmo sem necessidade de qualquer modelo fora de si, pois ele já é a norma.

É importante ressaltar, que o devir-mulher só pode ser exercido no momento em que se abandonam as comparações e aproximações com o homem, já que este é modelo de normatividade na sociedade, imitá-lo não é buscar um devir, ou seja, devem-se traçar novos caminhos para que esse devir-mulher possa fluir, porque a imitação de arquétipos já constituídos não é novidade, por isso os direitos iguais propostos no início da luta feminista não poderiam ser pensados como algo revolucionário, já que a igualdade só torna a mulher mais próxima do padrão que o homem representa, o devir requer outros caminhos.

O conceito de devir-mulher foi criado pensando na teoria da diferença, o que é o contrário de se ater a dualismos, principalmente relacionados à sexualidade, isso é o oposto de ser devir-mulher, pois essa “não é feita de pontos, mas apenas de linhas. Ela é rizoma.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 50). Portanto, o devir-mulher, é semelhante a uma nova construção que não esta amparada em modelos já usados e consagrados, pelo contrário, busca uma forma própria sem nunca chegar a um padrão.

O devir nunca será constituído por uma maioria porque “Só existe devir minoritário” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.52). Portanto, as opiniões do senso comum estão impregnadas de uma maioria social que não podem constituir um devir-mulher, ao passo que as opiniões e discussões expressas nessas páginas feministas podem vir a ser esse devir se não buscarem uma visão dualista e de oposição expressa ao senso comum, pois isso se constituiria em comparação a um modelo e isso não é parte do devir.

Deleuze e Guatarri (1995) afirmam que as mulheres não proprietárias do devir-mulher e que devem entrar nele, torna-lo possível, assim como os homens, se desejarem. Com essa afirmação percebemos que não basta ser mulher e com isso minoria para se constituir um devir-mulher, é necessário aderir ao “seu devir potencial por desviar do modelo.” (DELEUZE, GUATARRI, 1995, p.52).

Apresentadas as características principais que formam o devir-mulher, a seguir, trataremos de coloca-las ao lado das características encontradas nessa pesquisa sobre o ser feminista encontradas nas páginas feministas e que podem constituir ou não uma tentativa de devir-mulher.

O feminismo da internet traz em si e para os seus leitores indagações que questionam o ser mulher e o que é pré-definido ao se pertencer ao sexo feminino, tentando desfazer a ideia de uma mulher ideal, ainda que essa mulher possa ser, através do devir-mulher um “ caminho para uma multiplicidade de percursos” (SILVA, 2015, p.01) Recursos que podem ser ilimitados por não estarem associados a modelos prontos já disponíveis na sociedade.

Através da luta feminista podem se formar múltiplos caminhos e possibilidades na sociedade, mas se essa luta for apenas por igualdade de direitos ou igualdade em qualquer sentido relacionado ao homem, não pode ser configurado como devir, pois apenas busca fazer parte da normatividade a qual os homens estão incluídos e são o fio condutor, aí não se constitui um novo caminho, apenas buscam-se traçar os caminhos já percorridos, o que apenas colocará mulheres em lugares já ocupados anteriormente, ao invés de criar novos lugares, novos espaços com novas vivências.

O devir contém em si uma “disposição ao inacabado é a possibilidade da invenção de novas formas.” (KRAHE e MATOS, 2010, p.5) É pensado como uma dupla captura, onde esta entre dois polos, não chegando a se definir como nenhum, já que o devir-mulher não busca uma identidade ou forma estática, e portanto, transgride a ordem vigente que tenta a todo custo territorializar os afetos e desejos, não dando espaço ao novo ou inacabado.

Esse lutar, presente nas postagens das páginas feministas só poderia estar em acordo com o devir se ele estiver buscando novas possibilidades sem pretender uma forma final baseada em modelos já construídos na sociedade, geralmente modelos feitos por homens e para homens, veremos a seguir um exemplo o tipo de luta que as páginas feministas dessa pesquisa estão envolvidas:

Figura 18 - Postagem da Página Feminismo Sem Demagogia – Original



Fonte: Reprodução Facebook Feminismo Sem Demagogia – Original

Todas as reivindicações e falas estão contra algo, um padrão de sociedade ou forma como se comportam com a mulher em sociedade, não há nada de novo ou diferente do que já se estabeleceu desde o advento do feminismo em termos reivindicatórios, muitas coisas foram atualizadas, mas como a opressão ainda resiste, a luta também resiste.

Para saber se essas lutas propostas pelo feminismo estão na perspectiva de um devir-mulher é necessário observar seus objetivos e o que eles dizem dessa mulher, ela está lutando por algo que já existe ou está procurando novas formas de ser e se estabelecer? Ou seja, é uma luta que visa os mesmos poderes e dominação masculina ou deseja instaurar uma nova ordem?

Para se fazer devir é necessário estabelecer “linhas de fuga que desfazem as essências e as significações em proveito de uma matéria mais intensiva onde se movimentam os afetos.” (KRAHE e MATOS, 2010,p.5) Seria possível ser devir-mulher trazendo a tona os mesmos discursos que visam denunciar as opressões? Para isso seria necessária que a luta procurasse essas linhas de fuga, não apenas como oposição, já que essa pressupõe um binarismo que não pode ser devir.

A luta do feminismo de internet exemplificada através desse post tenta desfazer as visões que relacionam a mulher a fraqueza e uma forma essencial de ser, o que a torna vítima e a coloca em uma posição inferior. A busca por uma visão diferente a respeito do que é ser

mulher, sem essencialismos, poderia constituir um devir-mulher, já que esse traz “a possibilidade de não fazer parte dos jogos essencialistas de identidades formadas pelas políticas determinantes do multiculturalismo e das políticas de gênero e sexualidade.” (KRAHE e MATOS, 2010, p.6) Todas as identidades capturadas pela sociedade e pelo capitalismo vigente não podem ser devir, pois são cristalizadas e territorializadas pelas políticas de subjetivação do indivíduo, por isso lutar para que as mulheres tenham novas e infinitas possibilidades de serem podem coloca-las em um devir-mulher, assim o queiram.

Além da luta, tão fortemente encorajada e desejada pelas feministas representadas aqui por duas de suas páginas, há outro aspecto encontrado na pesquisa que revela o modo feminista de ser e de ajudar a formar outras feministas, que é a desconstrução, uma forma de desfazer visões tradicionais a respeito da mulher e de tantos outros aspectos da sociedade, trazendo um novo olhar.

Desconstrução nessa pesquisa esta ligada as visões sobre as mulheres e as páginas feministas e o quanto é possível construir outros olhares que não estejam ligados a uma normatividade e uma estagnação de significados que ao invés de compreender procuram estereotipar e fixar identidades.

Essa característica de ser feminista encontrada nas páginas tem semelhança com os objetivos de um devir-mulher, já que este “é um campo intensivo de passagem para todas as formas de sexo e sexualidade” (GUATARRI, 1985, p.15). E o desconstruir atua de forma mais ativa nesses campos da sexualidade, buscando mostrar que há múltiplas possibilidades de ser mulher e também homem na sociedade e que não é necessário um rótulo para que a existência possa fazer sentido.

As visões que o feminismo pretende desconstruir se referem a imagem da mulher na sociedade e também a imagem de ser feminista na sociedade, todos esses papéis estão repletos de preconceitos que seguem causando prejuízos a todos os envolvidos.

O ato de desconstruir faz com que muitos significados atribuídos sejam repensados para dar lugar a uma nova visão, uma nova forma de identidade, se a desconstrução se ativesse só a esse movimento não poderia ter ligação com o devir-mulher pois esse não busca por identidades. O devir pode aparecer a partir da possibilidade da desterritorialização do ser mulher e feminista, quando não se necessita afirmar e construir novas identidades , pois “O devir- mulher oferece um trajeto louco de devir, que sendo esburacado pelas intensidades-fluxos abre fissuras, linhas por todos os lados do padrão edificante de uma cultura falocêntrica.” (BRITO, 2014, p.07) Dessa forma, construir outros trajetos para os afetos, sexualidades e as mais diversas formas de subjetivação estão na pauta

do devir-mulher e podem ser abarcados pelo feminismo se esse não se contentar apenas em igualdade de gênero e buscar as próprias significações.

Sabendo que a construção desses significados desfavoráveis as mulheres foram feitos para dominá-la Bordieu (2003) afirma que a visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas. O feminismo assim tenta mudar essa ordem das coisas trazendo para perto de si também todos aqueles outros grupos marginalizados, porque não fazem parte do padrão da sociedade.

Ser devir-mulher nesse papel de desconstrução parece estar diretamente relacionado a não precisar afirmar uma identidade ou querer construir alguma para se manter na ordem das coisas, ser semelhante ao modelo de normalidade imposto na sociedade, já que o devir é feito de “alteridades em relação ao *modelo* de identificação majoritária (homem-adulto-macho etc.), pois não se propõem absolutamente como modelos alternativos, como formas ou códigos de substituição.” (ZOURABICHVILI,2004, p.24) Se deixa ser nômade sem reivindicar esses modelos alternativos que se constroem em oposição ao modelo padrão.

Assim a desconstrução proposta pelas páginas feministas pode ter um caráter de devir-mulher desde que esteja “atrelada a ideia de mudança constante” (KRAHE e MATOS, 2010,p.5) não seja uma “identidade que se encerra” (BRITO, 2014, p.6) e possa promover um “embaralhamento de lugares, traçados, deslocamentos, transversalidades, multiplicidades, que fazem qualquer corpo rodopiar pela diferença e na diferença” (BRITO, 2014, p.7)

O que podemos perceber é uma multiplicidade de possibilidades no devir-mulher e se elas não forem deixadas de lado pelas mulheres e feministas para dar lugar a novas identidades fixas, há uma probabilidade de que essas possam entrar nesse devir e usufruir das possibilidades que esse traz, uma existência sem uma limitação identitária onde é possível ter em si uma gama de experiências não delineadas pelas capturas incessantes da sociedade.

7 CONCLUSÃO

Ao final o objetivo geral foi parcialmente concluído, pois, através da pesquisa pudemos captar partes importantes da construção de subjetividades feministas presentes nas páginas pesquisadas da internet. Pudemos perceber aspectos do ser feminista e como ele é construído e quais as características das páginas pesquisadas, o que também deu pistas sobre qual feminismo era esperado das seguidoras. Ainda sobre os objetivos, essas características

foram confrontadas com o devir-mulher e isso foi uma oportunidade para que os questionamentos sobre a subjetividade pudessem ir além das problemáticas feministas e fossem para o campo da filosofia interpelar essas construções subjetivas e com isso indagar a própria prática que pode estar sendo construída sobre os mesmos alicerces da opressão que quer derrubar.

Retomando os objetivos, para ter uma noção do quanto eles foram atingidos, temos como objetivos específicos a análise das temáticas encontradas nas páginas feministas com a intenção de identificar as prescrições e desconstruções relacionadas as mulheres e o que isso dizia sobre ser feminista. Esse objetivo específico foi atingido de forma parcial, pois apenas tivemos contato com o emissor, as páginas feministas, e não pesquisamos os receptores, as seguidoras das páginas, assim o resultado da pesquisa é apenas parcial.

Quanto ao pensar o ser feminista a partir de suas possíveis conexões com o devir-mulher, foi importante para os resultados encontrados na análise das páginas feministas, trazendo um novo olhar, olhar esse que foge do senso comum e apenas da construção e interpretação como feito na pesquisa.

A teoria de Deleuze & Guatarri veio nessa pesquisa questionar a partir de suas premissas o caráter supostamente revolucionário do feminismo e das subjetividades que constrói, colocando em foco os meios usados para tal e os objetivos propostos por esse feminismo da internet, que podem estar realmente a serviço de uma revolução ou apenas manter o *status quo* através de outros sujeitos.

As hipóteses levantadas se confirmaram parcialmente, pois pudemos identificar o que delinea as páginas feministas pesquisadas e algumas características que estão relacionadas ao ser feminista, e sim, também há uma forte tentativa de desconstruir o padrão tradicional da sociedade com relação a visão que se tem da mulher. Entretanto, há aspectos que só poderiam ser confirmados com a realização da pesquisa as leitoras/seguidoras das páginas, já que não tem como delinear as subjetividades feministas apenas por quem produz o conteúdo das páginas, é necessário compreender quem lê e segue esses conteúdos.

Quando esse trabalho foi iniciado o feminismo não era uma realidade tão distante, mas ao iniciar a pesquisa foi surpreendente perceber a extensa história dele e o quanto foi se modificando através da história, a multiplicidade de visões que hoje ele abarca, pois, se no início o feminismo era formado apenas por mulheres brancas heterossexuais da burguesia, a disseminação do movimento fez com que mais mulheres pudessem conhecer as lutas feministas e, conseqüentemente, a partir da própria vivência, e visão de mundo, pudesse fazer um feminismo segundo a sua própria realidade.

Essa realidade é encontrada no feminismo interseccional, e, que, esta presente, com variações, nas duas páginas feministas pesquisadas, e essa possibilidade de fazer um feminismo que esta construído de acordo com as demandas de um grupo específico é o grande diferencial do feminismo atual, já que traz um caráter de flexibilidade para o movimento, quase sempre acusado de ser inflexível em seus posicionamentos. Já que não há uma identidade rígida nessa feminista, ela pode ser de muitas formas, ainda que o ser feminista tenha suas prescrições.

As maiores perguntas geradas com esse estudo, e que podem ser respondidas em uma pesquisa posterior, dizem respeito ao público alvo dessas páginas feministas e como se dá a recepção desses conteúdos postados nas páginas, qual a relevância e aceitação que essas páginas têm entre as mulheres feministas e não feministas, e como elas percebem a construção dessas subjetividades feministas construídas a partir de um feminismo virtual.

Ainda como sugestão de pesquisa a partir de outros aspectos que despertaram curiosidade e não puderam ser abarcados pelo presente trabalho, esta a visível animosidade que existe entre as vertentes do feminismo e que foi citada em alguns momentos do trabalho. Desde a segunda onda ficou claro que o feminismo não pode se denominar universal, pois não abarca a multiplicidade de experiências das mulheres ao redor do mundo, entretanto, é interessante notar o quanto há disputas entre os feminismos e seria interessante pensar os modos pelos quais são afirmadas identidades dentro do feminismo a partir da negação de aspectos que contém em outras vertentes.

Houve muitas dificuldades nesse trabalho, iniciando com a coleta de dados, que mesmo sendo apenas de três meses em cada página se revelou mais extensa do que o esperado, pois haviam muitas postagens, e analisar todas essas postagens também foi outro lado bem difícil, já que exigia muito tempo e uma análise criteriosa para que fossem criadas categorias condizentes com os objetivos do trabalho e com o corpus.

Na teoria, não houve tantos problemas para encontrar material adequado quanto às questões do feminismo, as maiores dificuldades teóricas estiveram em encontrar material sobre internet e sua influência na construção de subjetividades, além de tentar reunir as características do devir-mulher, já que Deleuze e Guatarri espalharem por todas as suas obras o modo como se manifesta esse devir, o que acarretou em uma procura por todas as obras dos autores que tem alguma citação a esse conceito, apesar disso, essas dificuldades teóricas foram superadas, com a persistência na pesquisa.

Na metodologia o maior obstáculo foi estabelecer uma análise construtiva-interpretativa de acordo com o método de Gonzales Rey (1997), ao invés de fazer apenas

descrições do material coletado, já que construir exige um cuidado maior ao analisar, para que as categorias possam fazer sentido no momento de interpretar, entretanto, foi um importante exercício para aprender trabalhar ativamente em pesquisas, já que há uma maior autonomia para quem está fazendo o trabalho, ao mesmo tempo, que traz grandes responsabilidades e necessidade de uma imersão maior nos dados coletados.

Os maiores aprendizados nessa pesquisa dizem respeito ao papel importante que a internet pode exercer nas subjetividades, e o quanto elas estão sendo incorporadas no cotidiano, o quanto o real e o virtual já não são tão contrastantes quanto seria pensado anos atrás, com o advento da internet. Além disso, trouxe um maior conhecimento sobre as realidades vividas pelo feminismo e suas formas de tentar ser relevante para mulheres e também para homens, na tentativa de desconstrução de todo um sistema social, uma tarefa nada fácil.

Todos esses aprendizados são muito importantes na formação em psicologia, já que questões de gênero fazem parte de um campo de estudos em que a psicologia também está incluída e dá sua contribuição, além de esse trabalho poder ser uma porta de entrada para que outros acadêmicos de psicologia se interessem por esse campo de pesquisa e quem sabe desenvolvam as lacunas que esse estudo deixou.

Outra grande contribuição para a formação, alcançada por esse trabalho foi a possibilidade de entender as maiores problemáticas que estão em pauta e são objeto de luta para as mulheres, o que pode ajudar a pensar melhores políticas públicas e os mais diversos serviços que venham a, senão resolver, ao menos aliviar as dificuldades encontradas pelas mulheres na sociedade, sendo a violência a maior delas.

Esse trabalho teve a intenção de compreender aspectos específicos do feminismo na internet e com isso procurar compreender, ao menos inicialmente, os processos de subjetivação que podem se dar nos espaços virtuais, os objetivos foram alcançados e muitas outras questões ficaram em aberto para estudos posteriores, deixando uma lacuna para que novas pesquisas possam ser feitas sobre essa temática e que elas possam contribuir para a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Marcio.; M. BRAVO, Igor G. **“Eu odeio Coca-Cola”**: uma análise netnográfica sobre o discurso antimarca da comunidade virtual do Orkut. Florianópolis, v.4, n.2, p.61-86, jun./dez. 2011.
- ALVES, Branca. ; PITANGUY, Moreira Jacqueline. **O Que é Feminismo**, Coleção Primeiros Passos, 1981.
- ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 1ª ed. São Paulo, Martins Fontes,1991.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**, Difusão Européia do Livro, 1ª Edição, 1967.
- BERNARDES, Márcia. **Uma reflexão inicial sobre feminismo na internet**: gênero e corpo. Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, São Paulo, 2014.
- BETONI, Camila. Feminismo, **Infoescola**, Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/feminismo/>> Acesso em 06 de Setembro de 2016.
- BOURDIEU, Pierre . **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 160p, 2003.
- BRASIL. Senado Federal. **Bertha Lutz**, Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/bertha-lutz> > Acesso em 06 de Novembro de 2016.
- BRITO, Maria dos Remédios de, O *devir-mulher* de “Orlando” de Virginia Woolf: uma leitura por estilhaços. **Alegrar**. Pará, v1, n.14, p. 1-13, 2014. Disponível em: <http://www.alegrar.com.br/revista14/pdf/devir_mulher_brito_alegrar14.pdf> Acesso em 25 de Setembro de 2016
- BRITO, Maria dos Remédios de. Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada. **Alegrar**. Pará, v1, n.9, p.1-27, 2012. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/revista09/pdf/dialogando_com_gilles_maria_brito_alegrar9.pdf> Acesso em 25 de Setembro de 2016
- CAMPOS, Luis Fernando de Lara. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 158, p.3ª edição, 2004.
- CAZARRÉ, Marieta. A “quarta onda do feminismo” nasce em 2015. **Brasileiros**. Disponível em <<http://brasileiros.com.br/2016/01/quarta-onda-feminismo-nasce-em-2015/>> Acesso em 15 de Setembro de 2016.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**- São Paulo: Cortez, 2014.
- COSTA, Ana Alice. **As donas no poder: mulher e política na Bahia**. Coleção Bahianas, v2. Salvador: NEIM/UFBA e Assembleia Legislativa da Bahia. 1998.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. São Paulo, SP: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Suely Rolnik, São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Giles. PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: 184p Escuta, 1998.

EAGLY, A. H. **Sex differences in social behavior: A social-role interpretation**. N.Y.: Erlbaum, 1987.

GASPARETTO JUNIOR, A. Terceira Onda Feminista. **Infoescola**, Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/terceira-onda-feminista/>> Acesso em 03 de Setembro de 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

GONZALES REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: Pulsões políticas do desejo**. Seleção, prefácio e tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATARRI, Félix. Da produção da subjetividade. In: _____. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

GUTIERREZ, S. **A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line**. Rio de Janeiro: 32ª Reunião Anual da Anped, 2009.

HAJE, Lara. **Esferas Públicas Feministas na Internet**; 250 f; Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; 2002.

KOZINETS, Robert V. **"I Want to Believe": A Netnography of The X-Philes Subculture of Consumption.**" *Advances in Consumer Research* 24, 470-75, 1997.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia; realizando pesquisa etnográfica online** Tradução: Daniel Bueno – Dados eletrônicos – Porto Alegre: Penso, 2014.

KRAHE, Inês B. ; MATOS, Sônia R. da Luz. **Devir-Mulher como Diferença**. Caxias do Sul, 2010. Disponível em: http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/devir_mulher.pdf. Acesso em: 22 de Outubro de 2016.

LUCENA, Mariana Barreto Nóbrega. **Os debates do movimento feminista: do movimento sufragista ao feminismo multicultural**. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012, João Pessoa.

Portal de Conferências do Laboratório de Tecnologias Intelectuais - LTi. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

LEÃO, Bruna. Backlash e guerrinhas virtuais. **Não Me Kahlo**, Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/11/04/Backlash-e-guerrinhas-virtuais>>

MARCONI, Marina de Andrade. ; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: Uma Introdução**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

MARQUES, Ana Cesaltina Barbosa. **A Praça Portugal como lugar**: negociações de sentidos em encontros presenciais e mediados pelo computador. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, 2010.

MONTARDO, Sandra. Portella PASSERINO, Liliana Maria **Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações**. Cined-Ufrgsv. 4 N° 2, Dezembro, 2006.

MINAYO, M. C. de S. SOUZA, E. R. de: **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. História, Ciências, Saúde— Manguinhos, IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social**, Psicologia & Sociedade 13, 1: 107 - 128. 2001.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, p. 1-121, 2006.

PARGA, E. J. de S.; SOUSA, J. H. M.; COSTA, M. C. **Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem da UFBA**. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador. v.14, n. 1, p. 111-118, abril/2001.

PEDRO, Claudia B.; GUEDES, O. S. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres**. In: I Simpósio de Estudos sobre Gênero e Políticas Públicas, Londrina - PR 2010.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos**. Esferas, v. 1, n. 3, 2014. Disponível em:< <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>.> Acesso em: 20 de Setembro de 2016.

PORTAL UOL. Negros representam 54% da população do país...**Economia Uol** Fortaleza, 04 Dezembro de 2015. Disponível em : <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>> Acesso em 04 de Outubro de 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. - 3. Ed.-15. reimpr.- São Paulo: Atlas, 2014.

RODRIGUES, P. J.MILANI, D. R. C. CASTRO, L. L. O. CELESTE FILHO, M. **O Trabalho Feminino durante a Revolução Industrial**. In: XII Semana da Mulher - Mulheres, Gênero, Violência e Educação, Marília, SP. Oficina Universitária, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. Ed. Expressão Popular São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 160p, 2015.

SANTINI, Rose Marie. ; CAMELIER, J. . **Devir mulher, sexualidade e subjetividade: aproximações entre Deleuze & Guattari e Pierre Bourdieu sobre a construção social dos corpos**. Revista Ártemis, v. 19,p. 101-108, 2015.

SILVA, Franciele Laura. Prolongamentos plásticos: devir-mulher como princípio contrassexual. **Alegrar**. Minas Gerais, v1, n.16, p. 1-4, 2015. Disponível em : http://www.alegrar.com.br/revista16/pdf/sessao8_prolongamentos_silva_alegrar16.pdf
Acesso em 30 de Outubro de 2016.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. **O feminismo na era digital e a (re) configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero**. Razón y Palabra, v. 90, p. 488-500, 2015.

TURKLE, Sherry. **Cyberspace and Identity**. Contemporary Sociology. 28(6): 643-648, November, 1999.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.